



SÉRIE COMENTÁRIOS BÍBLICOS

JOÃO CALVINO

Tradução: Valter Graciano Martins

2 Coríntios



Editora Fiel



Editora Fiel

Av. Cidade Jardim, 3978
Bosque dos Eucaliptos
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3936-2529

www.editorafiel.com.br

2 Coríntios - Série Comentários Bíblicos

João Calvino

Título do Original: *Calvin's Commentaries: The Second Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians and the Epistles to Timothy, Titus and Philemon*

Edição baseada na tradução inglesa de T. A. Smail, publicada por Wm. B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, MI, USA, 1964, e confrontada com a tradução de John Pringle, Baker Book House, Grand Rapids, MI, USA, 1998.

•

Copyright © 2008 Editora Fiel
Primeira Edição em Português

•

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTA OBRA POR QUAISQUER MEIOS,
SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

A versão bíblica utilizada nesta obra é uma
variação da tradução feita por João Calvino

•

Editor: James Richard Denham Jr.
Coordenação Editorial: Tiago Santos
Editor da Série João Calvino: Franklin Ferreira
Tradução: Valter Graciano Martins
Revisão: Wellington Ferreira e Franklin Ferreira
Capa: Edvânio Silva
Diagramação: Wirley Correa e Edvânio Silva
Direção de arte: Rick Denham
ISBN: 978-85-99145-50-0

Sumário

Prefácio à edição em português	11
Dedicatória.....	15
O Argumento	17
Capítulo 1	
Versículos 1 a 5.....	25
Versículos 6 a 11.....	31
Versículos 12 a 14.....	40
Versículos 15 a 20.....	46
Versículos 21 e 22.....	54
Versículos 23 e 24.....	56
Capítulo 2	
Versículos 1 e 2.....	61
Versículos 3 a 5.....	62
Versículos 6 a 11.....	65
Versículos 12 e 13.....	69
Versículos 14 a 17.....	70
Capítulo 3	
Versículos 1 a 3.....	81
Versículos 4 a 11.....	85
Versículos 12 a 14.....	95
Versículos 15 a 18.....	96
Capítulo 4	
Versículos 1 a 6.....	105
Versículos 7 a 12.....	118
Versículo 13.....	123
Versículos 14 a 18.....	124

Capítulo 5	Versículos 1 a 8.....	133
	Versículos 9 a 12.....	142
	Versículos 13 a 17.....	147
	Versículos 18 a 21.....	152
Capítulo 6	Versículos 1 a 10.....	163
	Versículos 11 a 18.....	173
Capítulo 7	Versículo 1.....	183
	Versículos 2 a 5.....	185
	Versículos 6 e 7.....	186
	Versículos 8 e 9.....	191
	Versículos 10 a 11.....	192
	Versículos 11b a 16.....	199
Capítulo 8	Versículos 1 a 7.....	205
	Versículos 8 a 12.....	211
	Versículos 13 a 16.....	215
	Versículo 17.....	216
	Versículos 18 a 24.....	221
Capítulo 9	Versículos 1 a 5.....	227
	Versículos 6 a 9.....	231
	Versículos 10 a 15.....	235
Capítulo 10	Versículos 1 a 6.....	241
	Versículos 7 e 8.....	250
	Versículos 9 a 11.....	251
	Versículos 12 a 14.....	255
	Versículos 15 a 18.....	256

Capítulo 11	Versículos 1 a 6.....	263
	Versículos 7 a 12.....	271
	Versículos 13 a 15.....	275
	Versículos 16 a 21.....	277
	Versículos 22 a 24.....	281
	Versículos 24 a 29.....	282
	Versículos 30 a 33.....	288
Capítulo 12	Versículos 1 a 5.....	291
	Versículos 6 a 8.....	297
	Versículos 9 e 10.....	298
	Versículos 11 a 15.....	306
	Versículos 16 a 21.....	312
Capítulo 13	Versículos 1 a 4.....	317
	Versículos 5 a 9.....	322
	Versículos 10 e 11.....	327
	Versículos 12 a 14.....	328

Prefácio à Edição em Português

João Calvino “está um nível acima de qualquer comparação, no que diz respeito à interpretação da Escritura. Os seus comentários precisam ser muito mais valorizados do que quaisquer dos escritos que recebemos dos pais da igreja”. Esse endosso entusiasmado de Calvino e de seus dons como comentarista e intérprete bíblico foi emitido por aquele que é considerado o seu grande antagonista: Jacobus Arminius! Charles Haddon Spurgeon, registra isso e classifica o comentarista Calvino como “príncipe entre os homens” e apresenta, ainda, a citação favorável de um padre católico romano (Simon): “Calvino possui um gênio sublime”.

O que levaria Arminius, que divergiu com tanta intensidade da compreensão calvinista da soberania de Deus e da extensão da escavidão ao pecado na qual se encontra a humanidade, ou mesmo um católico romano, com sua discordância do modo de salvação defendido pela reforma, pronunciar tais elogios sobre João Calvino?

Certamente eles se renderam à precisão, devoção e seriedade com as quais Calvino abordava a Palavra Sagrada, em seus escritos. Spurgeon destaca a “sinceridade” de Calvino e a tônica que o classifica

como um exegeta, em paralelo a todas às suas demais qualificações. Ele disse: “A sua intenção honesta foi a de traduzir o texto original, do hebraico e do grego, com a maior precisão possível, partindo desse ponto para expor o significado contido nas palavras gregas e hebraicas: ele se empenhou, na realidade, em declarar não a sua própria mente acima das palavras do Espírito, mas a mente do Espírito abrigada naquelas palavras”. É por isso que Richard Baxter deu esse testemunho: “Não conheço outro homem, desde os dias dos apóstolos, que eu valorize e honre mais do que João Calvino. Eu me aproximo e tenho grande estima de seu juízo sobre todas as questões e sobre seus detalhes”.

É nessa linha e atribuindo esse valor, que devemos receber e apreciar este Comentário sobre a Segunda Carta de Paulo aos Coríntios. Romanos foi o primeiro comentário escrito, em 1540, seguindo-se as demais cartas de Paulo. Este livro foi, portanto, o terceiro que ele escreveu, na seqüência, concluído em agosto de 1546 (1 Coríntios foi concluído em janeiro de 1546; os comentários às demais epístolas de Paulo foram concluídos em 1548). Seu último comentário foi publicado em 1563, todos escritos, originalmente, em latim. Ficaram faltando, dos livros bíblicos: Juízes, Rute, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, 1 e 2 Crônicas, Esdras, Neemias, Ester, Jó, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, 2 e 3 João e Apocalipse. Calvino faleceu escrevendo o comentário de Ezequiel.

Seguindo o seu costume, Calvino inicia este comentário com uma dedicatória, desta feita a Melchior Wolmar Rufus, um alemão muito famoso, professor de Direito Civil, alvo de sua profunda gratidão. Teodoro Beza escreveu o seguinte sobre Melchior Wolmar, em sua “Vida de João Calvino”: “A sua erudição, piedade e outras virtudes; em conjunto com suas habilidades admiráveis como professor de jovens, não podem ser suficientemente destacadas. Em função de uma sugestão sua e por sua atuação, Calvino aprendeu a língua grega”. Assim, em meio aos seus estudos de advocacia, Calvino, aos 22 anos de idade, aprendeu a dominar uma das línguas originais da

Bíblia, formando o alicerce de sua vida eclesiástica, como exegeta, hermenêuta e teólogo.

João Calvino é, reconhecidamente, um exegeta, um hermenêuta e um mestre em poimênica, mas ele é, antes de tudo, um teólogo sistemático. Certamente mais famoso por seu tratado de teologia – *As Institutas da Religião Cristã* – onde ele demonstra o apreço que tem para a fonte de sua sistematização teológica, a Bíblia, com esses diversos comentários que escreveu ao longo de sua curta vida. Os Comentários são importantíssimos, pois derrubam a caricatura de que Calvino foi um racionalista cujas ilações contrariam não somente o bom senso, mas o próprio ensino da Palavra de Deus. Não pode ser aceita, portanto, a visão propagada por oponentes de Calvino, de que ele deixa a visão orgânica do Reino para trás e embarca em um delírio racional, que o leva a conclusões sobre a soberania de Deus não encontradas nas Escrituras. Ora, é exatamente na Palavra de Deus, estudando texto a texto, onde Calvino encontrará a base para reafirmar e extrair todas as suas convicções e ensinamentos. Não deve nos surpreender que Calvino, o teólogo sistemático, começasse comentando Romanos (que ele considerava a chave para a interpretação correta das Escrituras) e as cartas de Paulo aos Coríntios. Estes livros são sistemáticos na apresentação de doutrinas fundamentais da fé cristã, interpretando e aplicando os ensinamentos dos Evangelhos; explicando os fundamentos do Antigo Testamento; firmando os passos da igreja de Cristo na Nova Aliança.

É interessante, também, que mesmo quando Calvino se envolve em um mergulho profundo nos livros da Bíblia, trecho por trecho, para desvendar o seu significado e na busca das lições supremas registradas por Deus, ele não perde a visão sistemática das doutrinas. Assim, em seus comentários (e é também dessa forma nesse comentário de 2 Coríntios) ele não se contenta apenas em dar um resumo do livro que passará a examinar, mas também apresenta “o argumento” que norteou o autor na escrita do livro: o desenvolvimento sistemático do raciocínio do autor, e a lógica argumentativa dos pontos que necessi-

tavam ser estabelecidos pela carta.

Nesta carta de Paulo, possivelmente a terceira que escrevia aos Coríntios (1Co 5.9 faz referência a uma primeira, anterior a 1Coríntios, possivelmente não inspirada, no sentido canônico), temos a continuidade de instrução a uma igreja marcada por graves problemas de conduta, eivada de incompreensões doutrinárias, que havia motivado duras repreensões da parte do apóstolo. As notícias mais recentes, entretanto, são encorajadoras (7.5-7), e é nesse clima que Paulo, em meio às suas instruções práticas, abre o seu coração, defende sua autoridade apostólica e prepara aqueles irmãos para uma futura visita.

Calvino penetra no espírito dessa carta à Igreja de Corinto. Explicando palavra a palavra, ou frase a frase, conforme a necessidade – recorrendo ao seu extenso conhecimento da língua grega e fazendo comparações elucidativas – ele nos auxilia o entendimento. Através do comentarista, passamos a entender Paulo melhor, não somente os seus sentimentos, mas as doutrinas cabais que procura passar aos seus leitores, como a abnegação do “eu”, ensinada em 1.3-11. Em Calvino, neste Comentário, encontraremos exposições magistrais, como, por exemplo, o ensino da pureza da Igreja, registrado em 6.14-7.1, onde ele nos dá o contexto completo da situação de envolvimento com descrentes, vivida por alguns membros daquela igreja. Nesse trecho ele mostra que Paulo trata de questões que transcendem a comum aplicação ao matrimônio (“jugo desigual”), referindo-se à perda de foco do povo de Deus e à promiscuidade relacional deste com o mundo.

Que Deus produza fruto de santidade e luz em sua vida, pela leitura e uso desse Comentário, é o nosso desejo e a nossa oração.

F. Solano Portela
Presbítero da Igreja Presbiteriana de Santo Amaro
São Paulo, outubro de 2008

Dedicatória

*Epístola Dedicatória do Autor
A Melchior Volmar Rufus,
homem mui eminente e
advogado de João Calvino,
saúde.*

Se me acusasses não só de negligência, mas também de incivildade, por não haver-te escrito por tanto tempo, confesso que seria difícil justificar-me. Pois, se ousasse alegar que estamos separados um do outro pela distância e que nos últimos cinco anos não encontrei ninguém que fosse em tua direção, isso deveras seria procedente, porém reconheço que seriam escusas esfarrapadas. E assim pareceu-me que o melhor a fazer seria oferecer-te alguma compensação a fim de reparar minha anterior negligência e eximir-me de toda culpa. A ti, pois, ofereço este meu comentário à Segunda Epístola aos Coríntios, em cuja preparação não poupei nenhum esforço.¹ Estou plenamente seguro de que tu serás suficientemente magnânimo em aceitá-lo como justa compensação e tenho, além de outras razões mais importantes, o prazer de dedicá-lo a ti.

Antes de tudo, lembro-me de quão fielmente² cultivaste e robusteceste a amizade que existe entre nós, a qual teve seus primeiros

1 “Composé et dressé par moy, avec le plus grand soin et dexterite qu’il m’a este possible.” – “Composta e preparada por mim com o máximo cuidado e habilidade que me são possíveis.”

2 “De quelle affection.” – “Com que afeição.”

passos já faz muito tempo; de quão generoso tens sido em pôr-te, bem como teus serviços, à minha disposição, sempre que achavas uma chance de dar provas de tua amizade; e de quão assiduamente ofereceste tua assistência³ para promover meu progresso, embora meu chamamento, naquele tempo, me impedisse de aceitá-lo. A principal razão, porém, está em minha lembrança de como, à primeira vez que meu pai enviou-me a estudar as leis cívicas, foi por tua instigação e sob tua instrução que também encetei o estudo do grego, do qual tu eras o mais eminente dos mestres. Não foi por tua culpa não haver eu alcançado maior progresso. Em tua bondade estarias pronto a ajudar-me, até que meu curso se completasse, não houvera a morte de meu pai reclamado meu regresso, quando apenas o iniciava. Não obstante, minha dívida para contigo, neste sentido, é deveras grande, pois me propiciaste uma boa base nos rudimentos da língua, o que mais tarde me foi de grande valia. Assim, não poderia descansar satisfeito sem deixar para a posteridade algo extraído de minha gratidão para contigo e, ao mesmo tempo, mostrar-te que teu esforço em meu favor não ficou sem produzir algum fruto.⁴ Adeus.

Genebra, 1º de agosto de 1546.

3 “Votre credit.” – “Vossa influência.”

4 “De vostre labeur ancien, duquel ie sens encore aujourd’huy le prouffit.” – “De teu antigo labor, do qual nestes dias sinto ainda o progresso.”

O Argumento

Segunda Epístola de Paulo aos Coríntios

Até onde podemos julgar da conexão existente entre as duas epístolas [1 e 2 Coríntios], podemos inferir que a *primeira* Epístola surtiu efeito positivo entre os coríntios,¹ ainda que não como o esperado; e, além disso, que alguns ímpios continuavam irredutíveis em reconhecer a autoridade de Paulo e persistiam em sua obstinação. O fato de Paulo ainda insistir tanto sobre sua própria *bona fides* e a autoridade de seu ofício é um sinal de que a confiança dos coríntios nele não estava ainda de todo restabelecida. Ele mesmo se queixa expressamente de alguns que tinham tratado sua primeira epístola com escárnio, em vez de aceitarem o auxílio nela contido. Assim que Paulo compreendeu que esta era a situação prevalecente na igreja de Corinto, e que ele mesmo seria impedido, por outras ocupações, de visitá-los tão logo como inicialmente pretendia, escreveu esta epístola enquanto estava na Macedônia. Agora entendemos que seu *propósito* em escrever foi o de *completar aquilo que já iniciara*, a fim de que, assim que chegasse a Corinto, *pudesse encontrar tudo em perfeita ordem ali*.

Ele inicia, segundo seu costume, com ações de graças, louvando a

¹ “N’auoit point este du tout inutile et sans fruit.” – “Não foi totalmente inútil e infrutífero.”

Deus pelos maravilhosos livramentos de perigos tão imensos. Ele está determinado a informar aos coríntios como foi que todas as suas aflições e dificuldades contribuíram, de fato, para o benefício e bem-estar deles, embora os ímpios as tenham usado como pretexto para minar sua auto-ridade; todavia, promete sua solidariedade² para com eles, a fim de ser restabelecido ao seu favor.

Em seguida, ele pede desculpas por seu atraso em visitá-los, mas assegura-lhes que não mudou seus planos por não considerá-los importantes ou por razões frívolas, nem pretendia enganá-los no tocante às suas intenções,³ pois eles encontrarão em suas promessas a mesma consistência que já haviam encontrado em sua doutrina. Aqui ele salienta, de forma breve, quão certa e sólida é a verdade que lhes tem anunciado, cujo fundamento é Cristo, através de quem todas as promessas de Deus estão confirmadas e ratificadas – o mais sublime enaltecimento do evangelho.

Então lhes relata que a razão por que ainda não os visitara era que, nas circunstâncias em que se encontrava, ele não tinha como estar entre eles num espírito de calma e alegria; e assim recrimina aqueles que usaram sua mudança de plano como desculpa para denegrir seu bom nome. Ele lançou sobre os próprios coríntios a responsabilidade de seu atraso, porque, naquele tempo, eles não estavam preparados para recebê-lo. Ao mesmo tempo, ele mostra com que paciência paternal os tratara, ao manter-se afastado de sua cidade, uma vez que, caso tivesse ido naquela época, poderia ter sido forçado a tratá-los com severidade.

Ademais, para que ninguém objetasse, dizendo que na primeira epístola ele não fora comedido, e sim veemente em sua reprovação aos coríntios, ele explica que tal severidade lhe fora imposta por outros, contra a sua própria vontade. Ele lhes revela que por trás desta aparente aspereza esconde-se um espírito afável, pedindo-lhes que restaurassem à comunhão o homem incestuoso, contra quem fora tão duro em sua primeira carta, mas que desde então dera ele algum indício de ter abrandado

2 “Afin que cela luy serue d’vn gage et noueueu lien pour entrer en leur bonne grace.” – “Que isso sirva de garantia e novo laço para estabelecê-los em suas boas graças.”

3 “Qu’il n’a point pretendu de les tromper, leur donnant à entendre d’vn, et pensant d’autre.” – “Que não tinha a intenção de enganá-los, levando-os a entender uma coisa, enquanto estava pensando em outra.”

seu coração. Ele fornece mais prova de seu amor por eles, afirmando que *não tivera descanso de espírito* [2Co 2.13], enquanto não ouviu de Tito como estavam as coisas entre eles, já que tal ansiedade só podia ser fruto do amor.

Depois de mencionar sua viagem à Macedônia, contudo, ele passa a discutir a glória de seu ministério pessoal. Ele lembra quão meticulosos foram alguns falsos apóstolos, ao difamar seu ministério, e quão facilmente lograram vitória sobre ele, ao cantarem seus próprios louvores. E, com o fim de mostrar que não se lhes assemelhava e, ao mesmo tempo, refutar seu tolo orgulho, ele declara que sua reputação repousa nos *atos*⁴ e que ela não depende do louvor dos homens. Na mesma passagem, ele enaltece em termos magníficos a eficácia de sua pregação e põe em relevo a dignidade de seu apostolado, ao comparar o evangelho com a lei. Antes de tudo, porém, ele traz à lume o fato de que não está reivindicando nada, como se tudo fora realizado por ele mesmo, mas reconhece que tudo vem de Deus.

Outra vez, lembra com que fidelidade e integridade desincumbira o ofício que lhe fora confiado e, assim fazendo, reprova aqueles que fizeram acusações maliciosas contra ele; e, inspirado por sua santa confiança, vai além, declarando que aqueles que não discerniam a glória de seu evangelho foram cegados pelo diabo. Percebendo que a humildade de sua pessoa, como alguém julgado com desprezo⁵ pelos homens, é grandemente diminuída do devido respeito para com seu apostolado, ele aproveita esta oportunidade não só para remover a causa da ofensa, mas também para convertê-la em vantagem, mostrando que a excelência da graça de Deus resplandece com seu mais intenso fulgor, porque este precioso *tesouro é oferecido em vasos de barro* [2Co 4.7]. E assim transforma em seu louvor as humilhantes alegações que seus inimigos tinham por hábito assacar contra ele, porque, embora estivesse premido por tão numerosas tribulações, à semelhança da palmeira,⁶ quanto mais atingido por elas, mais ele emerge

4 “De l’auancement de l’œuure.” – “Desde o avanço da obra.”

5 “Comme de faict il estoit contemptible au monde.” – “Como, de fato, era desprezível aos olhos do mundo.”

6 A palmeira é uma das mais belas árvores no reino vegetal; é ereta, alta, verde e de linda rama-gem. Cresce junto ao ribeiro ou a uma lagoa. *Resistindo todas as intempéries que tentam derrubá-la*

vitorioso acima de todas elas. Ele discute este assunto no meio do quarto capítulo. Não obstante, uma vez que a verdadeira glória do cristão está além deste mundo, Paulo nos lembra que, mediante o desprezo do mundo presente e a mortificação do homem exterior, precisamos converter toda a inclinação de nossas mentes em meditação na bendita imortalidade.

Ademais, já perto do início do *quinto* capítulo, ele se gloria nisto: o objeto de seu desejo não era nenhum outro, senão o de ter seus serviços aprovados pelo Senhor e nutrir a esperança de que teria os coríntios como testemunhas de sua sinceridade. Visto, porém, que corria o risco de ser suspeito de orgulho ou vaidade, ele repete, novamente, que foi a insolência de seus perseguidores que o impeliu a dizer tudo isso, e que nada fez por interesse pessoal, em defesa de sua própria reputação, mas unicamente para o bem dos coríntios, uma vez que, para a vantagem deles, deviam saber a verdade sobre este assunto; e lhes diz que sua única preocupação era o bem-estar deles. Para confirmar isto, ele acrescenta a declaração universal de que os servos de Cristo devem ter por seu alvo – tirar os olhos de si mesmos e viver para a honra do seu Senhor; e finalmente conclui que nada, senão a novidade de vida, tem algum real valor, de modo que ninguém merece qualquer estima, senão aquele que a si mesmo se nega. Deste fato ele passa a apresentar a suma da mensagem evangélica: que pela magnitude e excelência dela pudesse ele despertar os ministros e o povo a uma solicitude piedosa. Ele faz isto no início do sexto capítulo.

Aqui, uma vez mais, depois de notar quão fielmente desincumbira seu ofício, censura amavelmente os coríntios por não terem tirado pleno proveito do trabalho dele. A esta censura ele anexa imediatamente uma exortação: que *fugissem da idolatria* – do que transparece que os coríntios não haviam ainda chegado ao ponto que ele tanto desejava. Daí, não sem boa razão, ele lamenta que eles mesmos eram culpados, uma vez que não prestaram atenção a uma doutrina tão clara. Mas, para evitar desânimo e

ou encurvá-la, sobe direto rumo ao céu. Talvez por essa razão, ela sempre foi considerada pelos antigos como uma peculiaridade sagrada e, por isso, mui amíúde, é usada para adornar os templos. É o símbolo escolhido para a constância, frutificação, paciência e vitória. Quanto mais é oprimida, mais ela floresce e se torna mais alta, mais forte e mais resistente.” – Paxton’s Illustrations (Edinburgo, 1842), vol. II, p. 51.

alienação de suas mentes tão tenras, pelo efeito de uma censura tão cortante, lhes assegura novamente sua disposição positiva para com eles e resume seu pedido de desculpas por sua severidade, o qual ele interrompera de maneira tão abrupta; e segue rumo a uma conclusão, porém agora de maneira distinta. Pois, assumindo maior confiança, ele reconhece que não ficara pesaroso de os haver entristecido, visto que o fizera para o próprio bem deles.⁷ Congratulando-se com eles pelo feliz resultado de sua censura, ele lhes mostra quão cordialmente deseja os melhores interesses deles. Ele trata dessas coisas no final do sétimo capítulo.

Do início do *oitavo* capítulo, até o final do *nono*, ele os estimula à alegria de dar ofertas, tema que já fizera menção no último capítulo da Primeira Epístola. É verdade que ele os elogia por haverem começado bem, mas, para que o ardor de seu zelo não arrefecesse no processo do tempo, como sucede com freqüência, ele lhes encoraja com uma variedade de argumentos por que devem perseverar na mesma trajetória na qual haviam iniciado.

No *décimo* capítulo, ele começa defendendo a si e a seu ofício das acusações com que os ímpios o assaltavam. E, em primeiro lugar, ele mostra que está admiravelmente equipado com a armadura requerida para a manutenção da guerra de Cristo.⁸ Ademais, ele declara que a autoridade que exercera na Primeira Epístola estava fundada na certeza de uma boa consciência e, então, lhes mostra que não tinha menos poder em suas ações, quando presente, do que autoridade em suas palavras, quando ausente. Finalmente, ao instituir uma comparação entre ele e eles, lhes mostra quão fútil é sua vanglória.⁹

No *décimo primeiro* capítulo, ele convoca os coríntios a renunciar aquelas inclinações depravadas, pelas quais se deixaram corromper, mostrando-lhes que nada é mais perigoso do que deixar-se afastar da sim-

7 “Pour ce que ce qu’il en auoit fait, estoit tourné à leur grand proufit.” – “Porque o que fizeram veio a reverter em seu grande benefício.”

8 “Pour bataillier sous l’enseigne de Jesus Christ.” – “Por lutar sob as bandeiras de Jesus Cristo.”

9 “Finalement, faisant comparaison de sa personne avec telles gens, il monstre que c’est folie à eux de s’esleuer et vanter ainsi, sans auoir dequoy.” – “Finalmente, ao traçar uma comparação entre si e tais pessoas, ele mostra que é tolice delas exaltarem-se e jactarem-se, como o faziam, não tendo qualquer base para agirem assim.”

plicidade do evangelho. A falta de estima para com ele e a preferência por outros indivíduos, que alguns demonstravam, não se deviam a alguma falta existente nele, e sim à arrogância deles ou por não ser-lhes atraente. Os outros não lhes trouxeram nada melhor ou mais excelente, enquanto ele era desprezível a seus olhos, porque não lhes apresentava nenhuma vantagem de elegância e de linguagem¹⁰ ou porque, por um ato de sujeição voluntária, demonstrara indulgência para com as fraquezas deles e não reclamara o que lhe era devido. A maneira irônica¹¹ com que fala subentende uma censura indireta à ingratidão deles; pois, era justo que eles o subestimassem, só porque se adaptara a eles? Entretanto, torna-se óbvio que a razão por que não aceitara a remuneração que lhe era devida da parte dos coríntios¹² não era que os amava menos do que às outras igrejas, mas que os falsos apóstolos estavam usando a questão da remuneração como um meio de desacreditá-lo; e não queria dar-lhes qualquer vantagem sobre ele.

Tendo reprovado o juízo irracional e maligno dos coríntios, ele se exalta num refrão de piedosa glorificação, lembrando-lhes o quanto ele tem ainda de se gloriar, caso estivesse tão inclinado a isso. Mas, antes esclarece que é por causa deles que ora comete a loucura¹³ de cantar assim seus próprios louvores. Finalmente, refreando-se, por assim dizer, no meio de seu curso, confessa que seu principal motivo para gloriar-se é a própria humildade que os orgulhosos desprezam, porque o Senhor lhe ordenou não gloriar-se em coisa alguma, senão em suas próprias fraquezas.

No final do *décimo segundo* capítulo, ele os censura novamente por forçá-lo a fazer o papel de tolo, enquanto eles mesmos se entregavam, como escravos, aos líderes ambiciosos¹⁴ pelos quais eram alienados de Cristo. Ademais, ele investe com forte repreensão contra os que persis-

10 "Par vne eloquence de paroles ornees et magnifiques." – "Por meio de uma eloquência de palavras elegantes e magníficas."

11 "Qui est vne façon de parler par ironie (c'est à dire par maniere de mocquerie)." – "Que é um exemplo de ironia, ou seja, à guisa de motejo."

12 "Qu'euers, les autres Eglises." – "Do que as outras igrejas."

13 "Que pour l'amour d'eux il est contraint de faire du sot." – "Que é por amor a eles que o tolo se vê constrangido a agir."

14 "Ils se laissoyent manier et gouverner à un tas d'ambitieux." – "Deixaram-se dirigir e governar por um bando de ambiciosos."

tiam obstinadamente em seu audacioso ataque contra ele, acrescentando às suas faltas anteriores esta impudência de sua oposição.¹⁵

No *décimo terceiro* capítulo, ele inflige severa ameaça a tais indivíduos, convida todos os homens, em geral, a reconhecerem seu apostolado, realçando que lhes será vantajoso que façam isso, visto ser arriscado menosprezarem um homem que sabem por experiência própria ser o incontestável e fiel embaixador do Senhor.

15 “Ne se contentans point de leurs fautes passees, sinon qu'ils poursuyissent de luy resister impudemment.” – “Não contentes com suas faltas anteriores, sem persistir em opor-se-lhe impudentemente.”

Capítulo 1

1. Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, e Timóteo, nosso irmão, à igreja de Deus que está em Corinto, com todos os santos que se acham em toda a Acaia:

2. Graça a vós e paz de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

3. Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e o Deus de todo conforto,

4. que nos conforta em toda a nossa aflição, para que sejamos capazes de confortar aqueles que têm alguma aflição, através do conforto com que nós mesmos somos confortados por Deus.

5. Porque, assim como os sofrimentos de Cristo transbordam em nós, também o nosso conforto transborda através de Cristo.

1. Paulus Apostolus Iesu Christi per voluntatem Dei, et Timotheus frater, Ecclesiae Dei quae est Corinthi, cum sanctis omnibus qui sunt in tota Achaia:

2. Gratia vobis et pax a Deo Patre nostro, et Domino Iesu Christo.

3. Benedictus Deus, et Pater Domini nostri Iesu Christi, Pater misericordiarum, et Deus omnis consolationis,

4. Qui consolatur nos in omni tribulatione nostra, ut possimus consolari eos qui in omni tribulatione sunt, per consolationem qua consolatur nos Deus.

5. Quia sicuti abundant passiones Christi in nos: ita per Christum abundat etiam consolatio nostra.

1. Paulo, apóstolo. Suas razões para designar-se *apóstolo de Cristo* e esclarecer que obtivera essa honra *pela vontade de Deus* podem ser encontradas na epístola anterior, onde foi realçado que as únicas pessoas que têm o direito de ser ouvidas são aquelas que Deus enviou e falam a palavra de sua boca. Assim, para assegurar autoridade a alguém, duas coisas são necessárias: a vocação e o desempenho fiel do ofício por aquele que foi chamado. Paulo reivindica para si ambas as coisas. É verdade que os falsos apóstolos faziam o mesmo; visto, porém, que reivindicavam um título ao qual não têm nenhum direito, eles nada conseguem entre os filhos de Deus, os quais podem, com a maior facilidade,

convencê-los de impertinência. Daí, o mero título não é suficiente, se não traz consigo a *realidade*; de modo que aquele que alega ser apóstolo deve também provar sua pretensão por meio de sua obra.

À igreja de Deus. É preciso que tenham sempre em vista o fato de que Paulo sempre reconhece a existência da Igreja mesmo onde havia tantos males em seu seio. Uma Igreja¹ que tem em si as marcas genuínas da religião pode ser reconhecida a despeito das falhas de seus membros individuais. Mas, o que ele quis dizer com a expressão *com todos os santos*? Estes santos não estavam associados à igreja? Minha resposta é que esta frase se refere aos crentes que viviam dispersos aqui e ali, nos diversos distritos da província. É bem provável que naqueles tempos conturbados, quando os inimigos de Cristo viviam enfurecendo a todos ao redor, muitos crentes se achassem espalhados por lugares onde não podiam manter convenientemente as assembléias sacras.

3. Bendito seja Deus. Ele começa (como já observamos) com esta nota de ação de graças, em parte com o propósito de enaltecer a bondade de Deus; em parte, para estimular os coríntios, por meio de seu exemplo, a suportarem perseguições de maneira resoluta; e, em parte, para magnificar-se num refrão de piedosa glorificação, em oposição às calúnias malignas dos falsos apóstolos. Pois tal é a depravação do mundo, que trata com escárnio os mártires,² a quem deveriam ter em admiração, e tudo fazem para encontrar motivo de censura nos esplêndidos troféus dos piedosos.³ *Bendito seja Deus*, diz ele. Por qual razão? Que nos conforta.⁴ O pronome relativo que tem aqui um sentido

1 “Um genuíno filho de Deus pode cair em tristezas, segundo vemos em Pedro e Davi. A despeito de tudo isso, ele não é excluído do pacto da graça; ele não perde sua filiação, mesmo ante essas tristes transgressões; porém Deus seria mais severo com toda uma igreja do que com uma pessoa?” – *Burgesse*, sobre 2 Coríntios 1, p. 76 (Londres, 1661).

2 “Des martyres et afflictions des fideles.” – “Os martírios e as aflições dos crentes.”

3 “Cherche matiere de mespris et diffamation aux enseignes magnifiques de victoire, lesquelles Dieu dresse à ses enfans.” – “Busca assunto de menosprezo e difamação nesses esplêndidos emblemas de vitória, os quais Deus fornece a seus filhos.”

4 “Que é consolador (ὁ παρακαλῶν) – que nunca cessa de consolar, que nunca retira suas consolações. Está em sua natureza ser sempre consolador – como o diabo é chamado ὁ πειράζων, porque ele está sempre tentando” – *Burgesse*, sobre 2 Coríntios, p. 157.

causal⁵ e equivale a porquê. Paulo suportou suas aflições com ânimo e alegria e atribui a Deus essa sua intrepidez, porque era devido ao suporte oriundo da consolação divina que ele não desfalecia.

Paulo O denomina de *o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*, e não sem boa razão, quando se refere às bênçãos, pois, onde Cristo não está, ali também não existe nenhuma bênção. Em contrapartida, onde Cristo intervém, por cujo nome é chamada toda a família, no céu e na terra [Ef 3.15], ali se acham presentes todas as misericórdias e consolações de Deus e, mais ainda, está presente seu amor paterno, a fonte de onde emanam todas as demais bênçãos.

4. Para que sejamos capazes de confortar. Não há dúvida de que, assim como um pouco antes ele defendera suas aflições das humilhações e calúnias com que fora cumulado, assim agora ele instrui os coríntios, dizendo que a vitória que conquistara através do conforto divino foi em favor deles mesmos e para que delas tirassem proveito, a fim de que fossem encorajados e partilhassem de sua paciência, em vez de, arrogantemente, desprezarem seus conflitos. Entretanto, como o apóstolo não vivia para si mesmo, e sim para a igreja, assim ele considerava que todas as bênçãos que lhe foram concedidas por Deus não visavam a si próprio,⁶ e sim que ele tivesse mais possibilidade de auxiliar outrem. Porque, quando o Senhor nos abençoa, também nos convida a seguir seu exemplo e sermos generosos para com nosso próximo. Portanto, as riquezas do Espírito não devem ser guardadas somente para nós, mas cada um comunicar aos demais o que recebeu. É verdade que isto deve ser considerado como uma aplicação especial aos ministros da Palavra,⁷ mas também tem uma aplicação geral a to-

5 “Ce mot, Qui, est mis pour Car, ou, Pource que.” – “Esta palavra, Quem, é usada em lugar de Pois ou Porquê.”

6 “Pour son profit particulier.” – “Para sua vantagem pessoal.”

7 “Não basta que os ministros do evangelho tenham se devotado a muitos livros, para serem capazes de decidir questões polêmicas sobre teologia, convencer os que contradizem a serem doutores angélicos, astutos ou profundos; e serem *mallei hereticorum* – os martelos de hereges. A não ser que também tenham as obras experimentais do Espírito de Deus em suas próprias almas, não serão capazes de aplicá-las aos corações de outrem. Paulo não teria sido capaz de *confortar a outrem*, se o Senhor não o familiarizasse com as consolações celestiais.” – *Burgesse*, sobre 2 Coríntios 1, p. 178.

dos os homens, cada um em sua própria medida. Portanto, aqui Paulo reconhece que tem sido sustentado pela *consolação divina, para que ele mesmo fosse capaz de consolar outros*.

5. Porque, assim como os sofrimentos de Cristo transbordam.

Esta afirmação pode ser tomada em sentido ativo ou passivo. Se for tomada em sentido ativo, o significado será: “De um lado, sou atormentado com várias aflições; do outro, tenho a oportunidade de confortar outrem.” Não obstante, me inclino mais a tomá-lo no sentido passivo — no sentido de que Deus multiplicava suas consolações segundo a medida de suas tribulações. Davi também reconheceu que foi isso mesmo que lhe sucedera: “Na multidão de minhas ansiedades, tuas consolações deleitaram minha alma” [Sl 94.19]. Mas este ensino é mais claro nas próprias palavras de Paulo, porquanto ele chama as aflições do piedoso de **os sofrimentos de Cristo**, justamente como diz em outra passagem que ele “preenche em seu próprio corpo o que faltava nos sofrimentos de Cristo” [Cl 1.24].

É verdade que tanto os bons quanto os maus participam das misérias e dificuldades desta vida; porém, para os ímpios, os sofrimentos são sinais da maldição divina, porquanto resultam do pecado; sua única mensagem é a ira de Deus e nossa comum participação na condenação de Adão; e seu único resultado é o abatimento da alma. No entanto, por meio de seus sofrimentos os crentes estão sendo conformados a Cristo e produzem em seus corpos o morrer de Cristo, para que a vida dele um dia se manifeste neles [2Co 4.10]. Estou falando das aflições que eles suportam em virtude do testemunho de Cristo [Ap 1.9], porque, ainda que as disciplinas que o Senhor lhes impõe, em virtude de seus pecados, lhes sejam benéficas, eles não podem, com justiça, dizer que participam dos sofrimentos de Cristo, a menos que sofram por sua causa, como lemos em 1 Pedro 4.13. Portanto, o que Paulo quer dizer é que Deus está sempre presente com ele em suas tribulações e que, em suas fraquezas, é sustentado pelas consolações de Cristo, de modo a ser impedido de se ver esmagado pelas calamidades.

6. Se formos afligidos, é para vossa consolação e salvação, a qual é eficaz na tolerância dos mesmos sofrimentos que também sofremos; ou, se formos confortados, é para vossa consolação e salvação.

7. E nossa esperança em relação a vós está firme, sabendo que, como sois participantes dos sofrimentos, assim também o sereis da consolação.

8. Porque não queremos, irmãos, que sejais ignorantes no tocante à nossa aflição que nos sobreveio na Ásia, a qual nos prostrou excessivamente, além de nossas forças, a ponto de desesperarmos da própria vida.

9. Mas tivemos em nós a sentença de morte, para que não confiemos em nós mesmos, e sim em Deus que ressuscita os mortos,

10. O qual nos livrou, e nos livra, de tão grande morte, em quem confiamos que ainda nos livrará;

11. Ajudando-nos também vós, com orações por nós, para que, pelo dom que nos foi outorgado por meio de muitas pessoas, sejam dadas graças por muitos em nosso favor.

6. Sive autem affligimur pro vestra consolatione et salute,⁸ quæ efficitur in tolerantia ipsarum passionum, quas et nos patimur: sive consolationem accipimus pro vestra consolatione et salute:

7. Spes nostra firma est de vobis,⁹ scientes, quod quemadmodum socii estis passionem, ita et consolationis.

8. Nolo enim vos nescire, fratres, de tribulatione nostra, quæ accidit nobis in Asia: nempe quod præter modum gravati fuimus supra vires, ita ut de vita quoque anxii essemus.

9. Quin etiam¹⁰ ipsi in nobis ipsis sententiam mortis acceperamus: ne confideremus in nobis, sed in Deo, qui ad vitam suscitavit mortuos:

10. Qui ex tanta morte eripuit nos, et eripit, in quo spem fixam habemus, quod etiam posthæc eripiet;

11. Simul adiuvantibus et vobis per deprecationem pro nobis: ut donum, ex multis personis erga nos colatum, gratiarum actione per multos¹¹ celebretur pro nobis.

6. Se formos afligidos. O termo *e* foi inserido antes da frase “nossa esperança em relação a vós está firme”, e isso levou Erasmo a crer que devemos supor a existência do vocábulo *é* antes de “para vossa consolação e salvação”, ficando assim a redação: “E, se somos afligidos *é* para vossa consolação”. Entretanto, parece-me mais provável que este conectivo *e* significa, aqui, “assim também” ou “em ambos os casos”. Paulo já havia dito que recebeu conforto para que pudesse comunicá-lo

8 “Pour vostre consolation et salut, ou, C’est pour vostre.” – “Para vossa consolação e salvação, ou, É para vossa”, etc.

9 “Nostre esperance est ferme de vous, ou, Et l’esperance que nous auons de vous est ferme, scachans.” – “Nossa esperança está firme acerca de vós, ou, E a esperança que temos acerca de vós está firme, sabendo.”

10 “Mesme, ou, Mais.” – “Ainda mais, ou, Porém.”

11 “Pour l’esgard de plusieurs personnes, ou, Par le moyen de plusieurs personnes.” – “Por causa de muitas pessoas, ou, Por meio de muitas pessoas.”

a outrem. Agora vai além e diz que tem a firme esperança de que eles participarão desse conforto. Além do mais, alguns dos mais antigos códices gregos acrescentam logo após a primeira cláusula esta sentença: “E nossa esperança em relação a vós está firme”,¹² removendo, assim, a ambigüidade. Porque, quando esta vem no meio, temos de tomá-la com as cláusulas antecedente e procedente. De qualquer modo, se alguém prefere ter uma oração completa com o acréscimo de um verbo em ambas as cláusulas, não haverá nenhum prejuízo, nem grande diferença de significado. Pois, se você a tomar como uma afirmação contínua, ainda terá que explicar as duas partes dela como significando que o apóstolo está aflito e será reanimado com o conforto que será para o bem dos coríntios; e, por isso, sua esperança¹³ é que eles finalmente participarão do mesmo conforto que lhes está guardado. Quanto a mim, tenho seguido a redação que acredito adequar-se melhor.

Deve-se observar, porém, que a palavra *afligido* refere-se não apenas à angústia externa, mas também à miséria interior do coração, pois ela deve corresponder em significado ao termo *confortado* (παρακλησθαι), ao qual se opõe. Assim, o significado é que o coração humano é oprimido pela ansiedade, em virtude da miséria¹⁴ que sente. No grego, a palavra que traduzimos por *conforto* é παράκλησις, que também significa *exortação*. Paulo, porém, a usa aqui significando o tipo de conforto por meio do qual o coração de alguém é aliviado de sua dor e elevado acima dela. Por exemplo, Paulo mesmo teria desmoronado sob um terrível fardo de aflições, caso Deus não o tivesse reanimado e levantado pela instrumentalidade de seu conforto. Desta forma, os coríntios recebem força e coragem dos sofrimentos¹⁵ de Paulo e extraem conforto de seu exemplo. Sumariando: Paulo per-

12 O Dr. Bloomfield, que dá a esta redação da passagem sua preferência decidida, diz a respeito dela: “A evidência em seu favor é excessivamente forte, enquanto a evidência em favor da redação comum é excessivamente fraca”.

13 “Qu’il ha certain espoir.” – “Para que ele tenha uma esperança segura.”

14 Θλίψις, diz o Dr. Bloomfield, em suas Notas sobre Mateus 24.9, “significa propriamente *compressão* e, figuradamente, constrangimento, opressão, aflição e perseguição”.

15 “Voyans les passions du saint Apstre.” – “Contemplando os sofrimentos do santo apóstolo.”

cebeu que alguns dentre os coríntios estavam usando suas aflições como pretexto a fim de tratá-lo com desprezo e se põe a corrigir seu erro,¹⁶ demonstrando-lhes, primeiramente, que deveriam pensar nele de forma mais digna, porquanto seus sofrimentos se lhes tornaram numa grande vantagem; e, em segundo lugar, ele os associa consigo, de modo que considerem suas aflições como se fossem deles mesmos. É como se dissesse: “Se sofro aflições, ou se experimento consolação, é tudo em vosso benefício, e minha firme esperança é que continueis a desfrutar desta vantagem”.¹⁷

Pois as aflições de Paulo, bem como suas consolações eram de tal natureza, que teriam contribuído para a edificação dos coríntios, não tivessem eles se privado, por iniciativa própria, da vantagem resultante dela. Paulo, porém, declara que depositava nos coríntios uma confiança tão grande, que estava plenamente certo, em sua esperança, de que não sofreu por eles, nem foi confortado em vão. Os falsos apóstolos envidaram todo esforço para reverter o que sucedera a Paulo em detrimento dele. Se tivessem tido êxito, teriam transformado em nulidade as aflições de Paulo em favor deles, nem teriam tirado vantagem daqueles confortos com os quais o Senhor os aliviara. Em face de tais artifícios, Paulo reafirma sua confiança nos coríntios.

As aflições de Paulo eram uma fonte de conforto para os crentes, porque podiam ser fortalecidos, vendo-o sofrer voluntariamente e suportar bravamente tantas necessidades por amor do evangelho. Pois, conquanto podemos concordar prontamente que devemos suportar aflição por amor do evangelho, a conscientização de nossas próprias fraquezas nos faz tremer, e concluímos que seremos incapazes de fazer o que devemos.¹⁸ Quando assim suceder, lembremo-nos do exemplo dos santos; isso nos ajuda a nos sentirmos mais encorajados. Ademais, a consolação pessoal de Paulo fluía para a Igreja toda, porque

16 “Afin d’oster aux Corinthiens ceste manuse fantasie.” – “Com vistas a poupar os coríntios dessa perversa fantasia.”

17 “Iusques en la fin.” – “Até o fim.”

18 “Et ne pensons point estre assez forts.” – “E não pensar que somos suficientemente fortes.”

dela os crentes descobriam¹⁹ que o Deus que sustentava o apóstolo e o renovava no tempo de suas necessidades jamais falharia em relação a eles também. Desta forma, sua salvação era favorecida tanto por seu sofrimento como por seu conforto. É o que ele traz à lume, quase entre parêntesis, ao dizer que *é eficaz na tolerância*, etc. Ele acrescenta esta cláusula para impedi-los de concluírem que os sofrimentos que ele suportava, sozinho, não tinham, absolutamente, nada a ver com eles. Erasmo toma o particípio ἐνεργουμένης no sentido ativo,²⁰ porém o significado passivo é melhor,²¹ uma vez que a única intenção de Paulo, aqui, é explicar como tudo que lhe sucedia visava à salvação deles. Ele diz que, embora fosse o único a sofrer, seus sofrimentos eram úteis para a salvação deles, não porque eram expiações ou sacrifícios pelos pecados deles, mas porque os fortaleciam e os edificavam. Conseqüentemente, ele associa conforto e salvação para mostrar como a salvação deles devia ser consumada.

7. Sabendo que, como sois participantes dos sofrimentos. É provável que alguns dos coríntios tenham, temporariamente, se afastado de Paulo em razão das calúnias dos falsos apóstolos, de modo que sua reputação fora rebaixada aos olhos deles pela maneira como ele estava sendo humilhanamente tratado diante do mundo. Apesar de tudo isso, Paulo ainda os associa consigo tanto na comunhão de suas aflições como na esperança de suas consolações.²² Desta forma, sem

19 “Les fideles recueilloient de là, et s’asseuroyent.” – “Os crentes inferiram desse fato e se asseguraram.”

20 “Traduisant, Qui œuvre ou besongne.” – “Traduzindo-o: as quais obras ou labores.”

21 O Dr. Bloomfield, em suas Notas sobre 1 Tessalonicenses 2.13, explica ἐνεργείται no sentido de “é feito eficaz” ou “se mostra em seus efeitos” e acrescenta: “Achei este ponto de vista endossado pela opinião de Scott, o qual mantém que ἐνεργείται nunca é usado no Novo Testamento como uma forma da voz *média* com um sentido ativo, mas sempre (especialmente nos escritos de Paulo) como voz *passiva*. Aliás, Bp. Bull, Exam., p. 9, vai ainda mais longe e assevera que dificilmente ela ainda é usada assim, mesmo nos escritores clássicos (creio que ele poderia ter dito *nunca*), e sempre num sentido passivo”.

22 “Os coríntios... eram κοινωνοί, *participantes de* ou *em comunhão com ele, em suas aflições*. Quem é mais humilde e servil (τὸ ταπεινωφωδέστερον) do que Paulo em sua expressão? Crisóstomo diz – os que não tinham, em mínima medida, compartilhado com ele nos sofrimentos, mas os fez participantes com ele. Eles são, como Salmeron o expressou, *co-participantes com Paulo nos lucros e nas perdas*. Eles se aventuraram (por assim dizer) juntos no mesmo barco” – *Burgesse*.

expô-los a uma censura pública, ele corrige suas opiniões pervertidas e maliciosas a seu respeito.

8. Porque não queremos, irmãos, que sejais ignorantes. Ele faz menção da gravidade e dificuldade de seus conflitos, para que a glória da vitória com isso viesse a lume mais sobejamente. Desde que enviara a última epístola, ele ficou sempre exposto a grandes perigos e suportou violentos ataques. É bem provável que aqui sua referência seja aos eventos descritos por Lucas, em Atos 19.23, embora a agudeza da crise não seja enfatizada nesta passagem de forma tão clara. Lucas, contudo, afirma que toda a cidade ficou em polvorosa, e não é difícil deduzir o resto, pois sabemos como é o costumeiro resultado de uma sublevação popular, uma vez eclodida. Ele diz que fora oprimido por esta perseguição, *excessivamente, além de nossas forças*, de tal modo que já não podia levar a carga. Esta metáfora é tomada de uma pessoa que sucumbe sob a pressão de um fardo pesado ou de navios que afundam em razão de sua sobrecarga – não que Paulo mesmo tenha realmente desfalecido, mas sentia que suas forças teriam exaurido, caso o Senhor não o tivera suprido com novas forças.²³

A ponto de desesperarmos da própria vida. Ou seja, “de modo que cheguei a pensar que minha vida já estivesse perdida ou, pelo menos, que pouca esperança me restava. Senti como se tivesse sido trancado em uma prisão, sem a mínima possibilidade de escape”.

²³ “*Pressionado acima da medida* (καθ’ ὑπερβολὴν ἐβαρήθημεν). As palavras βάρος e βάρουμαι são aplicadas, às vezes, ao ato de *suportar uma carga* [Mt 20.12; Gl 6.2], quer seja uma carga temporal ou espiritual. Neste lugar, a idéia parece ser tomada dos carregadores que têm uma carga imposta sobre eles, a qual é maior do que suas próprias forças; ou, como diz Crisóstomo, dos navios que são supercarregados e assim correm o risco de naufrágio. E, como se não houvesse ênfase suficiente na palavra *pressão*, ele acrescenta outra para intensificá-la – καθ’ ὑπερβολὴν – *acima da medida... acima da força* (ὑπερ δύναμις). Crisóstomo observa que esta difere da outra. Pois uma carga pode exceder em peso, mas para alguns homens de muita resistência pode não exceder sua força. Quando *Sansão* [Jz 16.3] carregou os portões da cidade de Gaza com os batentes e tudo mais, sobre seus ombros, ali estava uma carga além da medida; nenhum homem comum poderia fazer isso; mas para *Sansão* não estava acima de sua força. Assim ocorreu com Paulo, que pode ser chamado *Sansão espiritual*, porque aquela força e poder celestiais com os quais Deus o investira capacitaram-no a enfrentar os assaltos das provações que pesavam não simplesmente de forma *hiperbólica*, mas também *acima de suas forças*. Paulo não tinha mais poder para manter-se debaixo daquelas provações” – *Burgesse*, sobre 2 Coríntios 1, pp. 269, 270, 278.

Porventura, esse corajoso soldado de Cristo, tão bravo atleta, seria realmente deixado sem forças, sem a menor esperança, senão a morte?²⁴ Pois ele mencionou o fato como sendo a razão do que já nos informou: que desesperou da própria vida. Já enfatizei que, ao avaliar seus recursos, Paulo não está levando em conta o auxílio divino, e sim está nos dizendo que avaliava suas próprias condições, e não há dúvida de que toda a força humana vacila ante o temor da morte. Ademais, mesmo os santos precisam sentir-se ameaçados por um total colapso das forças humanas, a fim de aprenderem, de suas próprias fraquezas, a depender inteira e unicamente de Deus. Isto é o que Paulo insiste em dizer. Prefiro tomar a palavra ἐξαπορεῖσθαι, que ele usa aqui, como significando simplesmente *ansiedade em alerta*, e não seguir Erasmo, que a traduz como *desespero*. Paulo quer dizer apenas que estava sucumbindo em meio às maiores dificuldades, de tal forma que não havia como impedir sua vida de perecer.²⁵

9. Mas tivemos em nós a sentença de morte – ou diríamos: “Creio que minha morte está estabelecida e determinada”. Ele fala de si como alguém condenado à morte, que não tem nada diante de seus olhos, senão a hora de sua execução. Mas ele prossegue dizendo que esta *sentença*²⁶ de morte foi auto-imposta, significando que somente em sua própria visão sua morte era iminente, visto que não recebera nenhu-

24 “Vn champion si preux et magnanime, perdoit-il courage attendant la mort?” – “Um campeão tão valente e magnânimo desfalece o coração, nada visualizando senão a morte?”

25 Ἐξαπορεῖσθαι significa, propriamente, estar completamente parado, não sabendo como proceder. Em Salmos 88.8, em que Davi afirma: “Estou encerrado e não posso sair”, as palavras hebraicas נצנן נלגי (*velo etse*) são traduzidas, na Septuaginta, por καὶ οὐκ ἐξεπορευόμην – “e não pude sair”. É digno de nota que, na versão métrica, a idéia expressa por Calvino, como implícita no verbo ἐξεπορεῖσθαι, é plenamente salientada – “não encontro evasão para mim”.

26 “A palavra grega é ἀπόκριμα, usada somente aqui, em todo o Novo Testamento... A tradução mais genuína é *sentença*, pois é assim que *Hesychius* explica a palavra κατακρίμα — ψήφος, a quem *Favorinus* segue literalmente tanto neste como em muitos outros particulares. A palavra, pois, significa uma sentença emitida contra *quem deve morrer*. Paulo a havia recebido, mas de quem? Não de Deus, pois Este o livrou; nem do magistrado; não lemos que houvesse tal decreto contra ele. Portanto, ele provinha unicamente de seus temores pessoais, de seus próprios pensamentos, que o levaram a dizer: *ele a recebera em si mesmo*. Os pensamentos de Deus eram outros diferentes dos pensamentos de Paulo. Este concluiu absolutamente que morreria, mas Deus tinha proposto o contrário” – *Burgesse*.

ma revelação de Deus. Esta maneira de falar vai além da ἐξασπορεῖσθαι [ansiedade] do versículo anterior. Ali, ele apenas disse que não estava certo se viveria; aqui, ele diz que está certo de morrer. No entanto, a idéia principal a ser notada, aqui, é sua explicação da razão por que fora reduzido a essa situação – *para que não confiemos em nós mesmos*. Não concordo com o ponto de vista de Crisóstomo, de que Paulo não necessitava realmente de uma lição de humildade de tal natureza e que se apresenta a outros como padrão meramente na aparência.²⁷ Pois ele era um homem que, em outro sentido, estava sujeito aos mesmos sentimentos humanos que qualquer outro homem, não só em relação a coisas tais como calor e frio, mas em experiências tais como confiança mal orientada, precipitação e coisas afins. Não sei se ele se sentia inclinado a esses vícios, porém sei que podia ser tentado por eles, e a experiência que ele descreve aqui era a cura que Deus providenciara no tempo, para que esses vícios não penetrassem em sua mente.²⁸

Conseqüentemente, duas coisas devem ser notadas aqui. Em primeiro lugar, a confiança carnal com que somos ensoberbecidos é tão obstinada, que a única forma de destruí-la é cairmos em extremo desespero.²⁹ Pois a carne é orgulhosa, não se rende voluntariamente e nunca cessa de ser insolente, até que seja fortemente constrangida. Tampouco somos levados a uma verdadeira submissão, enquanto não somos humilhados pela esmagadora mão de Deus [1Pe 5.6]. Em segundo lugar, devemos notar que os resíduos desta doença chamada *orgulho* persistem mesmo nos santos, de modo que eles mui amiúde precisam sentir-se reduzidos a extremos, a fim de despirem-se de toda autoconfiança e aprenderem humildade. As raízes deste mal são tão profundas no coração humano, que ainda o mais perfeito dentre nós

27 “Il se propose aux autres comme pour exemple, non pas qu’il en fust ainsi quant à luy”. – “Ele se apresentou, por assim dizer, à maneira de exemplo – não que fora assim no tocante a ele mesmo.”

28 “De peur qu’ils ne saisissent pleinement son esprit et son cœur”; – “Para que não tomassem posse completa de sua mente e seu coração.”

29 “Sinon que nous tombions en telle extremite que nous ne voyons aucune esperance en nous.” – “Exceto por cairmos em tal extremo, que já não vemos em nós nenhuma esperança.”

jamais se livra inteiramente delas, até que Deus o confronte com a morte. E disso podemos inferir o quanto nossa autoconfiança desagradada a Deus, quando, com o propósito de corrigi-la, é necessário que sejamos condenados à morte.

E sim em Deus que ressuscita os mortos. Antes de tudo temos de morrer,³⁰ a fim de que, renunciando a nossa autoconfiança, e cômnicos de nossa fraqueza pessoal, não reivindicemos nenhuma honra para nós mesmos, como se fôssemos auto-suficientes. No entanto, isso não basta, a menos que demos um passo além. Devemos começar perdendo a esperança em nós mesmos, mas visando depositar nossa esperança em Deus. Temos de nos rebaixar aos nossos próprios olhos, para que sejamos enaltecidos por seu poder. Assim, Paulo, tão logo o orgulho carnal se transformou em nada, estabelece em seu lugar a confiança que repousa em Deus. *Não em nós mesmos, observa ele, mas em Deus.*

Ao abordar a questão do poder de Deus que ressuscita os mortos, Paulo tem em vista a emergência de seu argumento, da mesma forma como em Romanos 4.17, onde trata de Abraão. Porque, “crer no Deus que chama à existência as coisas que não são como se fossem” e “esperar no Deus que ressuscita os mortos” é um convite a meditar no poder do Deus que gera seus eleitos do nada e vivifica os que já morreram. Portanto, Paulo está dizendo que a morte foi posta diante de seus olhos com o fim de conduzi-lo a um maior reconhecimento do poder de Deus, por meio do qual ele foi ressuscitado dentre os mortos. O primeiro passo, sem dúvida, seria reconhecer Deus como o autor da vida pela força que Ele nos dá, porém nossa obtusidade é tal, que a luz de vida ofusca amiúde nossos olhos, de tal modo que temos de encarar a morte, antes de sermos conduzidos a Deus.³¹

10. O qual nos livrou... de tão grande morte. Aqui Paulo dá à sua declaração geral uma aplicação pessoal; e, ao louvar a graça de Deus,

30 “Comme il nous est necessaíre premierement de venir comme à mourir”; – “Como primeiramente necessitamos, por assim dizer, vir a morrer.”

31 “Il nous est nécessaire pour estre amenez à Dieu, d'estre reduits à telle extremite que nous voyons la mort present deuant nos yeux.” – “É necessário, a fim de que sejamos reconduzidos a Deus, que sejamos levados a tal extremo, que vejamos a morte bem presente diante de nossos olhos.”

declara que não se viu frustrado em sua expectativa, porquanto *foi salvo da morte* – e de uma maneira notabilíssima. Este uso de hipérbole não é incomum na Escritura. Frequentemente, ocorre tanto nos Provérbios quanto nos Salmos, e a linguagem cotidiana faz bom uso dela. Cada um deve aplicar a seu próprio caso o que Paulo diz aqui.

Em quem confiamos que ainda nos livrará. Ele se assegura de que a bondade de Deus, que tão amiúde experimentara no passado, continuará no futuro; nem é sem boa razão, pois o Senhor, ao cumprir em parte o que prometera, nos convida a esperar com otimismo o que ainda resta. Mais ainda, em proporção ao número de favores que recebemos dEle, por tantas garantias, ou penhores, por assim dizer, ele confirma suas promessas.³² Ainda que Paulo não tivesse dúvidas quanto à disposição de Deus em se fazer presente com ele, exorta os coríntios a orarem por sua segurança, e sua esperança de que o ajudará através de suas orações realmente corresponde a essa exortação. O que ele quer dizer é que farão isso não só como o cumprimento de um dever, mas também com real proveito para ele.³³

“Vossas orações também me ajudarão”,³⁴ diz ele. Porque, uma vez que Deus nos ordena que oremos uns pelos outros, sua vontade é que não faremos isso em vão. Ao lermos que nossas orações são agradáveis a Deus e proveitosas a nós mesmos, isso deve encorajar-nos muito a buscarmos a intercessão de nossos irmãos,³⁵ quando nos vemos em

32 Granville Penn lê a passagem assim: “Quem nos libertou de tão grande morte e nos *libertará*, em quem esperamos que nos liberte” (manuscritos Vaticano e Ephrem). Ele observa: *leia-se ῥύσεται, e não ὀύεται*, como no *Textus Receptus*. A segunda redação parece ter sido substituída, porque ῥύσεται ocorre outra vez na sentença seguinte; mas o apóstolo reitera a palavra, para que possa qualificá-la por ἠλπικαμεν (“esperamos”).

33 “Mais aussi avec bonne issue, d’autant qu’ils seront exaucés”; – “Mas também com bom sucesso, visto que eles serão ouvidos.”

34 “L’aide, dit il, que vous me feriez par vos prieres, ne sera point sans fruit.” – “O auxílio, diz ele, que me propiciareis por vossas orações não será sem proveito.”

35 “*Ajudando-nos também vós, com orações por nós*” (Ἐνυπουργούντων καὶ ὑμῶν ὑπὲρ ἡμῶν τῇ δεήσει). A partícula καὶ é enfática (*também vós*), implicando que nem a promessa de Deus, nem seu poder granjeariam esta misericórdia sozinha, sem a oração deles. Além da bondade de Deus, da parte dEle, devia haver oração da parte dos coríntios. No original, a palavra traduzida por *ajudando* é enfática, sendo duplamente composta. Ἐνυπουργούντων denota o *serviço* e o *ministério* dos que estão *abaixo de nós*; e assim implica que a igreja deve, como um débito para com os guias

aperturas, bem como a lhes prestarmos, reciprocamente, o mesmo auxílio.³⁶ Não é por falta de fé que o apóstolo se vê impelido a pedir a assistência de seus irmãos, mas, ainda que estava plenamente certo de que Deus cuidaria de sua segurança, mesmo que ficasse privado de todo apoio humano, ele reconhecia que a vontade de Deus era que fosse assistido pelas orações da igreja. Ele ainda levou em conta a promessa de que o apoio deles não seria vão; e, uma vez que não desejava negligenciar nenhuma fonte de ajuda que Deus, porventura, quisesse que ele recebesse, desejava que seus irmãos orassem por sua preservação.

A suma da matéria é esta: sigamos a Palavra de Deus, obedecendo a seus mandamentos e aderindo às suas promessas. Isto não é feito por aqueles que recorrem à assistência dos mortos,³⁷ porquanto tais pessoas não se sentem satisfeitas com os meios de graça que Deus designou, porém introduzem algo novo que não conta com o apoio da Escritura. Portanto, o que aqui lemos acerca de orar uns pelos outros não inclui os mortos, senão que se restringe explicitamente aos vivos. Conseqüentemente, é pueril a tentativa de alguém de encontrar nesta passagem apoio para suas práticas supersticiosas.³⁸

11. Pelo dom que nos foi outorgado por meio de muitas pessoas.

Há aqui algumas dificuldades nas palavras de Paulo e nas interpretações que se diversificam delas. Não me deterei a refutar outras traduções, pois, se podemos concordar com o verdadeiro significado, que necessidade haveria para isso? Paulo já dissera que as orações dos coríntios lhe seriam assistenciais. Ele agora acrescenta uma segunda vantagem

espirituais, orar com ardor por eles. Então, a palavra é acrescida da preposição *σύν*, que denota não só as orações eficazes deles, mas sua disposição e concordância nas orações, e isso, em suas assembléias públicas e solenes. Uma vez mais, a palavra significa *trabalhar*, *labutar*, denotando qual é a natureza da oração – na qual a alma labuta – é fervorosa, saturada de agonias; isso mostra que as orações costumeiramente formais da maioria das pessoas não são dignas do nome: nelas não há luta, nem fervor da alma. Eles labutavam em *oração*. Não labutavam usando amigos a solicitarem que o magistrado favorecesse a Paulo, pois deles nada podiam esperar; no entanto, depositaram seus pedidos diante de Deus” – Burgesse.

³⁶ “Que Dieu auroit soin de son salut et proufit.” – “Que Deus cuidaria de sua segurança e vantagem.”

³⁷ “Qui out leurs recours aux prières des saints trespassez.” – “Quem, porventura, recorre às orações dos santos falecidos.”

³⁸ “Pour desguiser et farder leur superstition.” – “Disfarçar e camuflar sua superstição.”

que virá das orações deles – para maior manifestação da glória de Deus. “Pois, se a bênção que Deus me concede”, diz ele, “é obtida em resposta a muitas orações, muitos glorificarão a Deus por isso”. Ou, podemos expressar de outra forma: “Muitos darão graças a Deus por minha causa, porque, ao ajudar-me, Ele terá respondido às orações não de apenas uma pessoa, mas de muitas”. Uma vez que nosso dever é não permitir que nenhum dos favores de Deus flua sem oração, somos obrigados, especialmente, a agradecer-Lhe suas misericórdias, quando Ele responder favoravelmente nossas orações, segundo a ordem que temos no Salmo 50.15. E isto se aplica não somente quando estão envolvidos nossos próprios interesses particulares, mas se aplica também às questões relativas ao bem-estar geral da igreja ou de qualquer um de nossos irmãos. Desta forma, quando oramos uns pelos outros e recebemos o que pedimos, a glória de Deus se manifesta muito mais claramente, e todos reconhecemos, com gratidão, a bondade de Deus tanto para com os indivíduos quanto para com todo o corpo da igreja.

Não há nada forçado nesta interpretação. É verdade que, no grego, o artigo está inserido entre *por muitas pessoas* e *o dom a mim concedido*; e pode-se pensar em separar as duas frases.³⁹ Mas na verdade não se pode fazer isso, como se dá comumente entre frases tão estreitamente conectadas. Aqui, o artigo está aplicado em lugar de uma partícula adversativa,⁴⁰ pois, ainda que o dom tivesse sua fonte em muitas pessoas, ele foi concedido somente a Paulo. Tomar *διά πολλῶν* como neutro,⁴¹ como o fazem alguns, não se encaixa no contexto.

Pode-se perguntar por que Paulo diz *de muitas pessoas*, e não *de muitos homens*, e o que a palavra *pessoa* significa aqui. Minha resposta

39 “Car à suyre l’ordre du texte Grec il y auroit ainsi mot à mot, Añn que de plusieurs personnes, à nous le don conféré, par plusieurs soit reconnu en action de graces pour nous.” – “Porque, seguindo a ordem do texto grego, literalmente seria assim: A fim de que, de muitas pessoas, o dom conferido a nós seja, por muitos, reconhecido com ação de graças de nossa parte.”

40 “Em lieu de quelque particle aduersative qu’ on appelle, comme Toutestois ou Neantmoins.” – “Em lugar de alguma partícula adversativa, como é chamada, como, por exemplo, A despeito de ou Não obstante.”

41 “De rapporter ce mot *Par plusieurs*, aux choses.” – “Tomar esta frase, *Por meio de muitos*, como se referindo a coisas.”

é que isso era como se Paulo estivesse dizendo: *Com respeito a muitos*, porque o favor foi concedido para que fosse dado a muitos. Portanto, já que Deus tinha muitos em mente. Paulo diz que muitas *pessoas* estavam envolvidas. Alguns códices gregos trazem ὑπὲρ ὑμῶν, *em vosso favor*, o que parece ficar mais distanciado do que Paulo quis dizer e do contexto das palavras, mas que pode ser esclarecido em plena harmonia, como que significando: “Quando Deus tiver respondido vossas orações em favor do meu e do vosso próprio bem-estar, muitos darão graças em vosso favor”.

12. Porque nossa glória é esta: o testemunho de nossa consciência, de que com santidade e sinceridade de Deus, não em sabedoria carnal, mas na graça de Deus, temos nos conduzido no mundo e mais amplamente para convosco.

13. Porque nenhuma outra coisa vos escrevemos, além das que reconheceis e ainda aprovais, e espero que as aprovareis até o fim;

14. Como também em parte nos compreendestes que somos vossa glória, assim como igualmente sereis a nossa no dia de nosso Senhor Jesus.

12. Nam gloriatio nostra hæc est: testimonium conscientiaë nostræ, quod in simplicitate et puritate⁴² Dei, non in sapientia carnali, sed in gratia Dei versati sumus in mundo; abundantius autem erga vos.

13. Non enim alia scribimus vobis quam quæ recognoscitis vel etiam agnoscitis: spero autem, quod usque in finem agnoscetis:

14. Quemadmodum et agnovistis nos ex parte: siquidem gloriatio vestra sumus: sicuti et vos nostra in die Domini Iesu.

12. Porque nossa glória é esta. Ele explica por que seu bem-estar seria do interesse geral de todos — porque ele se conduzira⁴³ com *santidade e sinceridade* entre todos eles. Então, merecia a plena afeição deles, e teria sido mesquinho não sentir ansiedade em favor de um ministro do Senhor de sua envergadura, para que ele fosse preservado mais tempo para o benefício da igreja. É como se quisesse dizer: “Tenho me conduzido de tal maneira diante de todos, que não me sur-

42 “Purete, ou, integrite.” – “Pureza ou integridade.”

43 “*Temos nos conduzido*” (ἀνεστράφημεν). O verbo ἀναστρέφω é composto de ἀνὰ (de novo) e στρέφω (voltar) – um retorno contínuo ao ponto do qual saíra – uma circulação – começando, continuando e terminando tudo para a glória de Deus; começando com as visões divinas e ainda permanecendo nelas; começando no Espírito e terminando no Espírito; agindo em referência a Deus, como fazem os planetas em referência ao sol, derivando dEle toda sua luz e movimento e revolvendo, incessante e regularmente, em torno dele. Paulo agia assim; os cristãos primitivos agiam assim; e assim deve agir cada cristão que espera ver Deus em sua glória” – Dr. Adam Clarke.

preende se todos os homens de bem me dediquem sua estima e seu amor”. Por amor àqueles para quem estava escrevendo, Paulo usa esta oportunidade para fazer uma digressão para defender sua integridade. No entanto, uma vez que não era o bastante o ter a aprovação dos homens e que Paulo mesmo era a vítima dos juízos nocivos e maliciosos que alguns dirigiam contra ele, arrebatados como estavam pelos afetos corruptos e cegos,⁴⁴ ele apela ao testemunho de sua própria consciência; e isso era como se ele estivesse citando Deus mesmo e apelando para a veracidade de sua alegação perante seu tribunal.

Não obstante, como pode este gloriar-se em sua própria integridade e ainda ser consistente com o que ele mesmo diz em 2 Coríntios 10.17: “Aquele, porém, que se gloria, glorie-se no Senhor”? Ainda mais, quem é tão reto⁴⁵ que ousaria vangloriar-se diante de Deus? Primeiramente, Paulo não está se pondo contra Deus, como se possuísse algo de si mesmo ou que algo se originasse dele mesmo. Em segundo lugar, ele não faz sua salvação depender da *integridade* que alega possuir, nem põe qualquer confiança nela. Finalmente, é nos dons de Deus que ele se gloria, de modo a glorificar a Deus como o único autor a quem os coríntios deveriam atribuir tudo.⁴⁶ Há três condições sob as quais toda pessoa piedosa pode gloriar-se corretamente em todas as bênçãos de Deus, enquanto os ímpios não podem, de forma alguma, gloriar-se em Deus, senão falsa e perversamente. Em primeiro lugar, devemos reconhecer que toda coisa que existe em nós foi recebida de Deus e que nada provém de nós mesmos. Em segundo lugar, devemos guardar firme este fundamento: que a certeza de nossa salvação depende unicamente da misericórdia de Deus; e, finalmente, devemos descansar⁴⁷ no único autor de todas as coisas boas. Assim, poderemos gloriar-nos,

44 “Par les affections qu'ils portoyent à d'autres pour des raisons friuoles, et quasi sans scaouir pourquoy.” – “Pelos afetos que nutrimos para com outros sobre bases triviais e de uma maneira que nem mesmo sabemos por quê.”

45 “Qui est celuy, tant pur et entier soit il?” – “Onde está o homem que seja tão puro e perfeito?”

46 “Et rapporte toutes choses a sa bonte.” – “E atribui tudo à sua bondade.”

47 “Arrestons nous et reposons du tout.” – “Que permaneçamos e repousemos totalmente.”

com gratidão, em tudo que é bom.⁴⁸

De que com sinceridade⁴⁹ de Deus. Esta expressão é usada aqui no mesmo sentido de “a glória de Deus”, em Romanos 3.23, e de “a glória de Deus e a dos homens”, em João 12.43. Aqueles que amam a glória dos homens buscam a admiração deles e se enquadram bem no julgamento deles. “A glória de Deus” é o que alguém tem aos olhos de Deus. Assim Paulo não está satisfeito em mostrar que sua sinceridade tem sido notada pelos homens, mas acrescenta que ele tem sido sincero também diante de Deus. Εἰλικρινεῖς (que traduzi por *pureza* ou *santidade*) significa o mesmo que *sinceridade*, porque é uma forma aberta e franca de comportamento que revela claramente o que está no coração do homem.⁵⁰ Ambos os termos são o oposto de *falsidade astuta* e *maquinações secretas*.

Não em sabedoria carnal. Aqui, Paulo está antecipando acusações que poderiam ser suscitadas contra ele, pois admite prontamente e, de veras, declara publicamente, ou, seja, que ele é carente de algumas qualidades desejáveis, porém acresce que foi dotado com a graça de Deus, a qual é muito melhor. “Concordo”, diz ele, “que sou carente de sabedoria carnal, porém tenho sido agraciado com o poder de Deus, e todo aquele que não se satisfaz com isto não tem o direito de lançar escárnio sobre meu apostolado. Mas, se a sabedoria carnal não possui nenhuma importância, não careço de nada que mereça real louvor”. Por *sabedoria carnal*, ele quer dizer tudo aquilo que não está em Cristo e que poderia granjear-nos a reputação de sábios. Para uma explicação mais completa, vejam-se o primeiro e segundo capítulos da

48 “Bonne et sainte.” – “Bom e santo.”

49 “O manuscrito mais antigo traz ἀγιότητι (*santidade*), e não ἀπλότητι (*simplicidade*).”

50 “A palavra usada aqui – εἰλικρινεῖς –, traduzida por *sinceridade*, denota propriedade, *clareza*, tal como é julgada ou discernida na luz solar (de εἶλη, *luz do sol*, e κρίνω, *julgar*); e, daí, *pureza*, *integridade*. É mais provável que a frase aqui denote aquela sinceridade que Deus produz e aprova; e o sentimento é que a religião pura, a religião de Deus, produz sinceridade no coração. Seu propósito e alvo são abertos e manifestos, *como que vistos à luz do sol*. Os planos do mundo são obscuros, enganosos e trevosos, *como que feitos à noite*” – Barnes. O mesmo termo é usado por Paulo em 1 Coríntios 5.8 e 2 Coríntios 2.17. Comparando os vários exemplos em que este termo é empregado pelo apóstolo, temos ocasião de observar a admirável harmonia entre suas exortações e sua prática.

Primeira Epístola. Portanto, temos de entender por *graça de Deus*, a qual ele contrasta com sabedoria carnal, tudo aquilo que se acha além da natureza e da capacidade do homem e todos os dons do Espírito Santo que, por meio de sua presença, revelam francamente o poder de Deus nas fraquezas de nossa natureza carnal.

Mais amplamente para convosco. Não que ele fosse menos íntegro em outro lugar, e sim que permanecera mais tempo em Corinto a fim de, entre outras razões, dar-lhes uma prova mais plena e clara de sua boa fé. Ele o expressa deliberadamente assim para mostrar que não havia necessidade de testemunhas em virtude da distância, porque eles mesmos eram as melhores testemunhas de tudo quanto dissera.

13. Porque nenhuma outra coisa vos escrevemos. Aqui ele está censurando indiretamente os falsos apóstolos que se enalteciam continuamente com imoderadas ostentações, que pouca ou nenhuma substância tinham. E, ao mesmo tempo, ele ataca as calúnias que lhe eram dirigidas, para que ninguém, porventura, pensasse que ele reivindicava para si mais do que devia. Portanto, ele diz que, em suas palavras, não se gloria de nada além do que não pudesse provar por seus feitos; afirma também que os coríntios são suas testemunhas de que isso é assim.

Entretanto, a ambigüidade das palavras tem dado ocasião à interpretação equivocada desta passagem. Ἀναγινώσκειν, em grego, às vezes significa *ler* e, às vezes, *identificar*. Ἐπιγινώσκειν significa, às vezes, *descobrir* e, às vezes, tem a mesma significação do verbo latino *agnoscere* – *reconhecer* –, por exemplo, num sentido legal de “reconhecer uma criança”,⁵¹ como Budaeus igualmente observou. Assim, ἐπιγινώσκειν é mais forte que ἀναγινώσκειν. Uma pessoa pode *identificar* algo, ou seja, estar particularmente convencida de sua realidade em sua própria mente e, mesmo assim, não o *reconhecer*, ou seja, apresentar expressão pública de que o aceita. Agora podemos examinar as palavras de Paulo. Alguns as traduzem: “Nada escrevemos senão o que vós ledes

51 “Ce que disons *Auouer*: comme on dira *Auouer vn enfant*”; – “O que expressamos pelo verbo *possuir*, como quando falamos de *possuir uma criança*.”

e reconheceis”. Esta tradução, porém, é muito dúbia e completamente inadaptável. Ambrósio dá a seguinte forma: “Vós não só ledes, mas também reconheceis”; porém, esta tradução das palavras é obviamente impossível. A interpretação que ofereço é simples e natural, e a única dificuldade em entendê-la consiste na confusão provocada pelos diferentes significados das palavras. Resumindo, faço Paulo dizer que os coríntios já conhecem e sem dúvida podem dar testemunho de tudo o que ele está dizendo. A primeira palavra é *recognocere*, que significa *estar convencido de uma coisa através da experiência*; e a segunda é *agnocere*, que significa *dar assentimento público à verdade*.⁵²

E espero que as aprovareis até o fim. Os coríntios ainda não tinham recuperado completamente seu juízo são, de modo a estarem habilitados a formar uma opinião equilibrada⁵³ e justa das boas intenções de Paulo; no entanto, já tinham começado a corrigir a idéia errônea e preconcebida antes formada. Conseqüentemente, o que Paulo está querendo dizer aqui é que lhe nasceram esperanças alvissareiras a respeito deles, para o futuro. Ele está dizendo: “Já me aprovastes em parte e espero que venhais a aprovar-me mais e mais no que tenho sido e como tenho agido entre vós”.⁵⁴ Disso se torna mais fácil entender o que ele quer dizer com ἐπιγινώσκειν (*reconhecimento*).⁵⁵ Esta passagem se refere ao tempo quando os coríntios voltarão a seu

52 A palavra ἀναγινώσκετε “significa propriamente *conhecer acuradamente, distinguir*. Provavelmente seja usada, aqui, no sentido de conhecer acuradamente ou com certeza, de *reconhecimento* de sua familiaridade com ele”. Ἐπιγινώσκειν “significa, aqui, que reconheceriam plenamente ou saberiam inteira e satisfatoriamente que os sentimentos expressados por Paulo eram tais, que concordavam com sua maneira geral de vida” – Barnes. O Dr. Bloomfield, que aprova o ponto de vista assumido por Calvino quanto ao significado do verbo ἀναγινώσκετε, observa que a palavra é empregada no mesmo sentido por Xenofonte (Anab., v. 8, 6), bem como em outras partes dos escritores clássicos.

53 “C’est à dire, pour en iuger droitement.” – “Equivale a dizer: julgá-la corretamente.”

54 “Que vous cognoistrez de plus em plus comme l’ay conversé entre vous, et comme ie m’y suis gouverné, et ainsi auouërez ce que maintenant i’en di.” – “Que vós reconheceis mais e mais como tenho me conduzido entre vós e como tenho regulado a mim mesmo, e assim vós assentireis ao que eu digo agora.”

55 “Que c’est qu’il a entendu par lê dernier des deux mots desquels nous auons parler, lequel nous auons traduit *Auouer*”; – “O que ele quis dizer pelas últimas duas palavras das quais temos falado, as quais traduzimos por *reconhecimento*.”

bom senso outra vez. Inicialmente, tinham aprovado Paulo plenamente; posteriormente, seu juízo ficou toldado por nuvens escuras,⁵⁶ em virtude de alegações dissimuladas; mas agora começaram parcialmente a readquirir o bom senso.

14. Que somos vossa glória. Já consideramos sucintamente como os santos podem gloriar-se corretamente nas bênçãos divinas, ou seja, quando descansarem unicamente em Deus, não tendo qualquer outro alvo. Assim, Paulo estava certo em gloriar-se no fato de que seu ministério conduziu os coríntios à obediência a Cristo; assim como era correto para os coríntios o gloriarem-se no fato de terem sido instruídos tão fiel e honrosamente por um apóstolo de tal envergadura – um privilégio não concedido a todos. Esta maneira de gloriar-se nos homens não é, de todo, inconsistente com o gloriar-se somente em Deus. Assim, Paulo diz aos coríntios que lhes é muitíssimo vantajoso reconhecê-lo como genuíno e sincero servo de Cristo, porque, se romperem com ele, perderão sua maior glória. Com estas palavras, ele os acusa de leviandade, porque deram demasiada atenção à indisposição e à desconfiança e, assim, se privaram voluntariamente de sua principal glória.

No dia de nosso Senhor. Tomo isso no sentido de o último dia em que se porá um fim a todas as glórias transitórias⁵⁷ do mundo. Paulo está querendo ensinar que a glória de que aqui fala não é a vanglória passageira que tanto impressiona e fascina os homens, mas aquela que é permanente e eterna, porque ela será inabalável no dia de Cristo. Por isso, Paulo celebrará o triunfo devido às muitas vitórias que ele conquistou sob a bandeira de Cristo e guiará em solene procissão a todos quantos foram trazidos sob o glorioso jugo de Cristo, por meio de seu ministério. E a igreja de Corinto triunfará, uma vez que foi fundada e instruída por um apóstolo tão admirável.

⁵⁶ “Obscurci et abbastardi in eux par les propos obliques des faux-Apostres et autres malins.” – “Obscurecidos e corrompidos pelas injustas afirmações dos falsos apóstolos, bem como outras de pessoas maliciosas.”

⁵⁷ “Vaines et caduques;” — “Vazios e evanescentes.”

15. E nesta confiança eu me dispus a ir primeiro a vós, para que pudésseis ter um segundo benefício;

16. E por vosso intermédio passar à Macedônia, e outra vez da Macedônia ir ter convosco, e por vós ser encaminhado em minha viagem à Judéia.

17. Portanto, ao assim me dispor, revelei leviandade? Ou aquilo que pretendo, o pretendo segundo a carne, de modo que em mim haja o sim, sim e o não, não?

18. Mas, como Deus é fiel, nossa palavra para convosco não é sim e não.

19. Pois o Filho de Deus, Jesus Cristo, que foi por nós anunciado entre vós, sim, por mim e Silvano e Timóteo, não foi sim e não, mas nele está o sim. Portanto, quaisquer que sejam as promessas de Deus, nele está o sim;

20. Pelo que, também, através dele é o Amém, para a glória de Deus, por nosso intermédio.

15. Et hac fiducia volui primum ad vos venire, ut secundam⁵⁸ gratiam haberetis, et per vos transire in Macedoniam:

16. Et rursum e Macedonia venire ad vos, et a vobis deduci in Iudæam.

17. Hoc igitur quum animo propositum haberem, nuncubi levitate usus sum? aut quæ cogito, secundum carnem cogito? ut sit apud me Etiam, etiam: et Non, non.

18. Fidelis Deus, quod sermo noster apud vos non fuit Etiam et non.

19. Dei enim Filius Iesus Christus in vobis per nos prædicatus, per me, et Silvanum, et Timotheum, non fuit Etiam et non: sed Etiam fui in ipso.

20. Quæcunque enim sunt Dei promissiones, in illo sunt Etiam: quare et per ipsum sit Amen Deo ad gloriam per nos.

15. E nesta confiança. Após lhes haver razão para esperarem que ele viria, mudou subsequêntemente sua intenção. O fato de que agora ela tinha que defender-se, por haver mudado de intenção, revela que isso foi feito com base em falsa acusação contra ele. Ao dizer que planejara visitá-los, em virtude de sua *confiança* neles, Paulo transfere indiretamente a responsabilidade para os coríntios, já que foram eles que impediram a ida dele, ao privá-los de *sua confiança*, em face da ingratidão deles.

Para que pudésseis ter um segundo benefício. O primeiro benefício foi que Paulo gastara um total de dezoito meses [At 18.11] em conquistá-los para o Senhor; o segundo foi que, com sua ida, eles seriam confirmados na fé já recebida e seriam motivados a fazer mais progresso nela, por intermédio de suas santas admoestações. Os coríntios se privaram deste [segundo benefício], não permitindo que o apóstolo fosse ter com eles. Em conseqüência, eles se viam punindo-se a si mesmos em razão de sua própria falta, destituindo-se de qualquer

58 “Seconde, ou double.” — “Segundo ou duplo.”

razão para responsabilizar a Paulo. Se alguém preferir Crisóstomo e ler *χάρην* (*benefício*) em vez de *καράν* (*alegria*), não faço muita objeção a isso,⁵⁹ porém minha própria explicação é mais simples.

17. Revelei leviandade? Há duas razões primordiais por que os planos humanos não são realizados com êxito, nem suas promessas se cumprem fielmente. A primeira é que os homens mudam seu modo de pensar quase que de um momento para outro; e a segunda é que eles são mui precipitados no desempenho de seus compromissos. Fazer planos ou promessas, para logo depois voltar atrás, é sinal de instabilidade. Paulo está dizendo que ele estava livre de tais fracassos. Diz ele: “Não é uma questão de leviandade o haver eu voltado atrás na promessa que fiz”. Ele também alega estar livre de autoconfiança temerária e injustificada, pois esta é a maneira como interpreto a expressão *pretendo segundo a carne*. Porque este, como já disse, é um hábito comum nos homens, ou, seja, tomar suas decisões sobre o que farão, de forma precipitada e presunçosa, como se não dependessem da providência de Deus, nem estivessem sujeitos à vontade dEle. A fim de punir sua presunção, Deus reduz seus planos a nada e, amiúde, os expõe ao ridículo.

A expressão “segundo a carne” pode ser entendida num sentido mais geral, de incluir suas maquinações perversas, não direcionadas a quaisquer bons propósitos – aqueles, por exemplo, direcionados por ambição, ou por avareza, ou por outros motivos perversos. Contudo, em minha opinião, ele não estava preocupado com essas coisas, nesta passagem, mas tão-somente com a leviandade que é tão evidente, em todo tempo, na forma como os homens fazem seus planos. Portanto, “pretender segundo a carne” é deixar de reconhecer o governo de Deus sobre nós e afastá-lo de nós, substituindo-o por uma

59 A maioria dos comentaristas modernos explicam *χάρην* como *dádiva* ou *benefício*; mas os comentaristas antigos, e mesmo alguns modernos, como Wolf e Schleus, preferem o termo *gratificação* para traduzir *χαράν*. Pareceria significar *benefício* em geral, toda vantagem espiritual ou gratificação de sua sociedade, comunicada por sua presença” – Bloomfield. Um manuscrito traz *χαράν*. Kypke, que traduz *χάρην* por *alegria*, cita exemplos em apoio de seu significado de *χάρης*, ainda que reconhecesse ser inusitado, com base em Plutarco, Políbio e Eurípedes. A frase é traduzida por “*um prazer maior*” na versão de Tyndale (1534), bem como nas versões de Crammer (1539) e Genebra (1557).

presunção temerária, que Deus pune com justiça e expõe ao ridículo. Para eximir-se desta falta, Paulo coloca esta pergunta na boca de seus oponentes, pois é bem provável, como já me referi, que boatos maliciosos estivessem circulando.

De modo que em mim haja o sim, sim, e o não, não? Há quem tome esta declaração com o que vem antes, explicando-a da seguinte maneira: “Como se estivesse em meu poder realizar sempre o que pretendo”. Assim, os homens decidem fazer tudo quanto vem à sua mente e ordenam seus próprios caminhos, quando não podem governar nem mesmo sua língua, como disse Salomão [Pv 16.1]. Certamente, as palavras significam que uma intenção, uma vez ratificada, deve permanecer inabalável, e o que foi uma vez rejeitado não deve ser feito. Assim, Tiago diz em sua epístola [5.12]: “Que vosso sim seja sim, e vosso não seja não, para não cairdes em dissimulação”. Essa interpretação se ajusta muito bem com o que vem antes, pois querer que nossas decisões tenham, sem exceção, a força de oráculos⁶⁰ é, sem dúvida, pretender segundo a carne. Entretanto, não se ajusta com o que segue imediatamente – “Deus é fiel”, etc. –, pois quando Paulo quer asseverar que não agia com leviandade em sua pregação, ele usa a mesma forma de palavras; e seria absurdo se, quase no mesmo versículo, ele considerasse uma falha que seu sim fosse sim, e seu não fosse não e, então, prosseguisse reivindicando-o como sendo sua maior virtude. Eu sei que tipo de resposta seria dada por aqueles que têm predileção por distinções sutis, porém não tenho inclinação por algo que não possui nenhuma solidez.

Não tenho nenhuma dúvida de que, embora estas palavras possam produzir um significado diferente, Paulo realmente as utilizou para reprovar a inconstância e para livrar-se da acusação de prometer habitualmente o que ele não podia cumprir.⁶¹ Desta forma, a repetição

60 “Que nos deliberations et conseils soyent comme oracles et reuelations Diuines.” – “Que nossos propósitos e planos sejam como oráculos e revelações divinas.”

61 “Ele (o apóstolo) antecipa e repele uma reprimenda de *ἰλαφρία*, ou *leviandade de propósito*, naquela mudança de mente, como se ele fosse *um homem de sim e não* (Shakespeare), em cuja palavra não se pode depositar nenhuma confiança. No versículo seguinte, ele denomina Deus de testemunha de que sua palavra dirigida a eles não era ‘sim e não’; e, no início do capítulo

do *sim* e do *não* deixa de ter a mesma força que em Mateus 5.37 e em Tiago 5.12, mas significa “que, agora, *sim* pode ser *sim*, para mim, e, quando me parecer bem, *não* pode ser *não*”. Ao mesmo tempo, é possível que a repetição se deva a um erro de copista, visto que a Vulgata não repete as palavras.⁶² Entretanto, não é necessário que fiquemos tão ansiosos no tocante a essas palavras, contanto que nos apeguemos ao que Paulo quer significar, o que, como já disse, se faz plenamente claro no que vem a seguir.⁶³

18. Deus é fiel. Ao usar o termo *palavra (sermo)*, Paulo quer dizer *doutrina*, como se manifesta pela razão que ele acrescenta, quando diz que o *Filho de Deus, que ele anunciava*, era invariável. Ele deseja que sua integridade pessoal seja julgada com base na plena consistência de algum ponto da doutrina e, assim, refuta a desfavorável insinuação de leviandade⁶⁴ ou má fé que lhe foi desferida. No entanto, não se conclui necessariamente que um homem fidedigno em sua doutrina seja igualmente fidedigno em toda palavra que ele fale. Paulo, porém, dá pouco valor ao que os homens venham a pensar dele, pessoalmente, contanto que a autoridade de seu ensino seja preservada, e sua principal preocupação é que os coríntios se lembrem dela. Ele diz realmente que tem mostrado a mesma boa intenção ao longo de toda sua vida, como os co-

seguinte, ele lhes explica que fora por causa deles que ele se absteve de executar sua primeira intenção.” – Penn.

62 A tradução da Vulgata é esta: “Ut sit apud me *est et non*” – “Que comigo houvesse *sim* e *não*”. Esta redação – τὸ ναὶ καὶ τὸ οὐ (sim e não), se encontra em um manuscrito grego, como afirmado por Semler. Wycliffe (1380), seguindo a Vulgata, redige: “que em mim seja *isto é e isto não*”.

63 “Entre os judeus uma maneira de caracterizar uma pessoa de estrita probidade e boa fé era dizer: ‘Seu *sim* é *sim*, e seu *não* é *não*’ – isto é, você pode depender de sua palavra; como ele declara, assim é; e, como ele promete, assim fará. Nosso Senhor deve, pois, ser considerado aqui [Mt 5.37] não como que prescrevendo os termos precisos pelos quais devemos afirmar ou negar. Nesse caso, se ajustaria melhor à simplicidade de seu estilo é dizer meramente: ναὶ καὶ οὐ (sim e não), sem pôr em dúvida as palavras. Mas, Ele deve ser entendido como que prescrevendo um respeito tão habitual e inflexível pela verdade, que tornaria o juramento desnecessário. Em 2 Co 1.20 temos outro exemplo de que essa maneira de converter advérbios em substantivos estava presente no idioma dos escritores sacros: ‘Pois todas as promessas de Deus são, nele, o *sim* e, nele, o *Amém*’ (ἐν αὐτῷ τὸ ναὶ καὶ ἐν αὐτῷ τὸ ἀμήν) – isto é, *verdades certas e infalíveis*. De fato, uma expressão comum no idioma grego é converter, por meio do artigo, alguma das partes do discurso num substantivo” – *Campbell on the Gospels*, vol. II, p. 278.

64 “N’a point dit l’un, puis l’autre”; – “Não diz uma coisa e, depois, outra.”

ríntios mesmos têm presenciado em seu ministério. Contudo, ao tratar das acusações feitas contra ele, parece que defende deliberadamente antes a sua *doutrina*, e não a sua *pessoa*, uma vez que jamais permitiria que seu apostolado fosse difamado, mesmo indiretamente, e que, por outro lado, não se importava com sua reputação pessoal.

Observe-se com que zelo ele se aplica a isto. Ele toma Deus por testemunha de quão reto e sincero tem sido o seu ensino; não é um ensino ambíguo, nem variável, nem temporizador. Ele declara que o seu ensino é tão verdadeiro como o próprio Deus, como se dissesse: “A verdade de minha pregação é tão certa e infalível como é verdadeiro e fidedigno o próprio Deus”. E isto não surpreende, uma vez que a Palavra de Deus, como disse Isaías, dura para sempre [Is 40.8]; e esta é a mesma Palavra que os profetas e apóstolos proclamaram ao mundo, como Pedro também o explica [1Pe 1.25]. Esta é a fonte da confiança⁶⁵ ousada que Paulo revela em Gálatas [1.8], quando pronuncia um *anátema* sobre os anjos, caso se atrevessem a apresentar outro evangelho que fosse contrário ao do próprio apóstolo. Quem ousaria fazer os próprios anjos celestiais sujeitos à sua doutrina, se não tivesse Deus como o seu autor e defensor? Os ministros⁶⁶ da Palavra deveriam ter a mesma segurança de consciência, ao subirem ao púlpito para falar em nome de Cristo, tendo a consciência de que sua doutrina não pode ser destruída, assim como Deus mesmo não o pode.

19. Pois o Filho de Deus. Temos aqui a prova da ousada alegação de Paulo – sua pregação⁶⁷ não era outra coisa senão Cristo, que é a eterna e imutável verdade de Deus. A frase “que foi por nós anunciado” é enfática. Pode acontecer, e freqüentemente acontece, que Cristo seja desfigurado pela imaginação dos homens e sua verdade adultera-

65 “De là vient aussi que S. Paul est bien si hardi.” – “Daí também procede por que São Paulo é tão ousado.”

66 “Et annonceurs de la parole de Dieu.” – “E arautos da palavra de Deus.”

67 “Il dit donc que sa parole n’a point este oui et non, c’est à dire variable; pource que sa predication”, etc. – “Ele diz, pois, que sua palavra nunca foi sim e não, ou seja, variável; porque sua pregação”, etc.

da por seus artifícios.⁶⁸ Paulo nega que ele ou seus associados tenham feito isso e alega que, com sinceridade e toda a integridade, defenderam o Cristo puro e evidente. Não está plenamente claro por que ele omite Apolo, ao mencionar Timóteo e Silvano, mas, provavelmente, esses tenham sido os mais sujeitos a difamações ardilosas,⁶⁹ e assim Paulo se revela mais cuidadoso em defendê-los.

Nestas palavras, Paulo mostra que todo seu ensino consistia tão-somente no simples conhecimento de Cristo, porque nele todo o evangelho está realmente inserido. Assim, aqueles que ensinam algo que não seja *Cristo* perambulam por territórios proibidos, embora muitos deles venham a orgulhar-se de sua demonstração de sabedoria. Porque Cristo é *o fim da lei* [Rm 10.4], bem como o cerne, a suma e perfeição de toda doutrina espiritual.

Em segundo lugar, Paulo notifica que sua doutrina acerca de Cristo não era alterável nem ambígua, como se apresentasse Cristo em diferentes formas e em diferentes tempos, como Proteus.⁷⁰ Alguns chegam mesmo a tratar Cristo desta forma,⁷¹ fazendo jogo de seu ensino, como alguém que passa uma bola de uma mão para outra, meramente para ostentar sua habilidade. Outros, querendo agradar aos homens, apresentam Cristo sob diferentes disfarces; e ainda outros ensinam uma coisa hoje e outra, amanhã, sem nenhum recato. Esse não era o Cristo de Paulo, nem o Cristo de qualquer um dos apóstolos legítimos.⁷² É falsa a alegação dos homens que pintam Cristo em cores diversificadas, visando à sua própria vantagem como ministros de Cristo. Pois o único e verdadeiro Cristo é Aquele em quem se pode contemplar este invariável e perpétuo *sim*, que Paulo declara ser característico dele.

68 “Et mensonges.” – “E falazes”.

69 “Des calumniateurs et mesdisans.” – “Por caluniadores e difamadores.”

70 “En sorte qu’il l’ait transfigure, maintenant en vne sorte, tantost en vne autre, comme les Poètes disent que Proteus se transformoit en diuerses sortes.” – “De modo a apresentá-lo em diferentes formas: agora, em uma forma; depois, em outra, como os poetas dizem que Proteus se transformava em diferentes formas.” Os seguintes poetas (entre outros) fazem menção de Proteus, que mudava sua forma: Virgílio (Georg., iv, 387), Ovídio (Met., viii., 730), Horácio (Sat., ii, 3, 71; Ep., I, i, 90).

71 “En toutes manieres.” – “De toda maneira.”

72 “Celui de tous vrais et fideles ministres.” – “Que de todos os ministros verdadeiros e fiéis.”

20. Portanto, quaisquer que sejam as promessas de Deus. Aqui, uma vez mais, ele confirma quão firme e inflexível a proclamação de Cristo deve ser, visto que Ele mesmo é o fundamento⁷³ de todas as promessas de Deus. Seria completo absurdo se Cristo, em quem se asseguram todas as promessas de Deus, fosse vacilante.⁷⁴ Embora esta declaração seja geral, como logo se verá, é aplicável à questão em mãos para confirmar a estabilidade da doutrina de Paulo. Aqui ele não está falando apenas do evangelho em termos gerais, e sim está reivindicando esta distinção para o seu próprio evangelho, ou seja: “Se as promessas de Deus são seguras e bem fundadas, então, minha doutrina tem de ser igualmente segura, uma vez que esta não leva em conta nada mais, senão Cristo mesmo, em quem todas estas promessas estão estabelecidas”. Já que sua única intenção era mostrar que o evangelho por ele proclamado é puro e não distorcido por qualquer adição estranha,⁷⁵ consideremos a doutrina geral de que todas as promessas de Deus dependem tão-somente de Cristo. Esta é uma asseveração notável e um dos principais artigos de nossa fé. Ele depende, sucessivamente, de outro princípio: é unicamente em Cristo que Deus o Pai se inclina graciosamente para nós. Suas promessas são as testemunhas de seu beneplácito paternal para conosco. Assim, segue-se que elas são cumpridas unicamente em Cristo.

As promessas são evidências da graça divina, porque, ainda que Deus faz o bem também aos ímpios, quando as promessas são somadas a estas benevolências, seu propósito especial é revelar-lhes a si mesmo como Pai. Em segundo lugar, somos incapazes de apropriarmos das promessas de Deus, se ainda não recebemos a remissão de nossos pecados, que nos vem através de Cristo. Em terceiro lugar, a principal de todas as promessas de Deus é aquela pela qual Ele nos

73 “Le fondement et la fermete.” – “O fundamento e a segurança.”

74 “Que celui en qui toutes les promesses de Dieu sont établies et ratifies, fust comme vn homme chancelant et inconstant.” – “Que ele, em quem todas as promessas de Deus estão estabelecidas e ratificadas, fosse como um homem que é inconstante e instável.”

75 “Il a presché le vray et pur Evangile, et sans y auoir rien adiousté qu’il ait corrompu ou falsifié.” – “Ele pregou o evangelho verdadeiro e puro, sem adicionar-lhe nada que o corrompesse ou adulterasse.”

adota como seus filhos, sendo Cristo a causa e a raiz de nossa adoção (*causa et radix adoptionis*). Porque Deus é Pai unicamente daqueles que são membros e irmãos de seu Filho Unigênito. Tudo nos vem desta única fonte. Todas as promessas de Deus procedem de seu amor por nós, mas fora de Cristo somos mais odiosos do que aceitáveis a seus olhos. Assim, não é de admirar que aqui Paulo diga que todas as promessas de Deus são confirmadas e ratificadas em Cristo.

Surge, porém, a pergunta: antes da vinda de Cristo, as promessas eram incertas e inúteis, visto que Paulo, aqui, parece falar de Cristo como *manifestado na carne* [1Tm 3.16]? Minha resposta é que todas as promessas dadas aos crentes, desde o princípio do mundo, tinham em Cristo seu fundamento. Portanto, sempre que Moisés e os profetas tratam da reconciliação com Deus, ou da esperança da salvação, ou da certeza da graça, de alguma maneira eles fazem menção de Cristo e, ao mesmo tempo, proclamam sua vinda e seu reino. Outra vez, digo que as promessas sob o Antigo Testamento foram cumpridas em relação aos fiéis, até onde eram um bem para eles, porém, ao mesmo tempo, elas foram, em certo sentido, adiadas até que Cristo viesse, porque foi através dEle que elas alcançaram seu real cumprimento. Os crentes que confiaram nas promessas, eles mesmos adiaram seu verdadeiro cumprimento até o aparecimento do Mediador e retiveram sua esperança até aquele tempo. Resumindo, se alguém considera a eficácia da morte e ressurreição de Cristo, ele mesmo facilmente entenderá como as promessas de Deus, que de outra forma não teriam tido um cumprimento seguro, foram seladas e confirmadas em Cristo.

Pelo que, também, através dele, é o Amém. Aqui, os manuscritos gregos estão em desacordo. Alguns têm as duas cláusulas reunidas numa só – “Todas as promessas de Deus são, através dele, o sim e, através dele, o Amém, para a glória de Deus, por nosso intermédio”.⁷⁶ A

⁷⁶ As versões e os manuscritos mais antigos lêem o versículo assim: ὅσαι γὰρ ἐπανγγελίαι θεοῦ ἐν αὐτῷ τὸ ναί· διὸ καὶ δι' αὐτοῦ τοῦ Ἀμὴν τῷ θεῷ πρὸς δόξαν δι' ἡμῶν – “Pois todas as promessas de Deus nele são o sim, porque são através dAquele que é o Amém, para a glória de Deus, por nosso intermédio” – Penn.

outra redação, que tenho seguido, é mais simples e nos fornece um significado mais completo. Paulo já dissera que Deus ratificou em Cristo todas as suas promessas e nos diz que agora é a nossa vez de assentir a esta ratificação. Fazemos isso quando descansamos em Cristo em certeza de fé, confirmando assim que Deus é fiel, segundo lemos em João 3.33, e quando fazemos isso para a glória de Deus, visto que este é o propósito a que todas as coisas servem [Ef 1.13; Rm 3.4].

Admito que a outra redação geralmente é mais adotada, porém forçada; e não tenho nenhuma hesitação em preferir aquela que contém um ensino mais completo e se ajusta melhor ao contexto. Portanto, Paulo lembra os coríntios que, visto terem sido instruídos na simples verdade de Deus, é seu dever responder com seu “amém”. No entanto, se alguém se sente relutante em afastar-se da outra redação, deve extrair dela uma exortação,⁷⁷ a um acordo mútuo em doutrina e fé.

21. Ora, aquele que nos estabeleceu convosco em Cristo e nos ungiu é Deus;

22. O qual também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nossos corações.

21. Qui autem confirmat nos vobiscum in Christo, et qui unxit nos, Deus est:

22. Qui et obsignavit nos, et dedit arrhabonem Spiritus in cordibus nostris.

Deus é, realmente, sempre verdadeiro e fiel em todas as suas promessas; tão logo Ele fale, tem sempre presente o seu *Amém*. No entanto, tal é nossa ignorância, que só lhe respondemos com o nosso Amém quando Ele nos mune com um testemunho seguro, em nossos corações, por meio de sua Palavra. Ele faz isso através de seu Espírito; e isso é o que Paulo está dizendo aqui. Ele ensinou previamente que esta é uma harmonia condizente – quando, de um lado, a vocação é sem arrependimento [Rm 11.29]; e nós, por nossa vez, com uma fé inabalável, aceitamos a bênção da adoção que Ele nos oferece. Não é de admirar que Deus se mantenha fiel à sua dádiva, porém, quanto a sermos, por nós mesmos, igualmente inabaláveis em nossa fé, isso é

⁷⁷ “Qu’il scache tousiours qu’il en faut tirer vne exhortation.” – “Que ele sempre saiba isto: devemos deduzir dela uma exortação.”

algo que está além do poder humano.⁷⁸ Todavia, Paulo nos ensina que Deus tem a cura para nossa fraqueza ou *defeito* (como ele o chama), porque corrige nossa infidelidade e nos fortalece através de seu Espírito. Assim podemos glorificá-lo por meio de uma fé firme e constante. Paulo está, aqui, associando-se explicitamente com os coríntios com o fim de conquistar seu favor e criar uma unidade mais sólida.⁷⁹

21. Aquele que... nos ungiu é Deus. Paulo diz a mesma coisa fazendo uso de palavras diferentes e fala de *ungir* e *selar*, bem como de *estabelecer*. E, por meio desta dúplici metáfora,⁸⁰ ele ilustra mais claramente o que já dissera sem qualquer figura de linguagem. Pois, quando Deus derrama sobre nós o dom celestial de seu Espírito, esta é sua maneira de selar a infalibilidade de sua Palavra em nossos corações. Então, ele estabelece uma quarta maneira, ao dizer que o Espírito nos concedeu um *penhor* – uma comparação que ele usa com frequência e que é a mais adequada.⁸¹ Como o Espírito é a nossa segurança, porque testifica acerca de nossa adoção, e o *selo* (σφραγίς), porque estabelece a fé genuína nas promessas, assim Ele é chamado de nosso *penhor*,⁸² porque é obra sua ratificar o pacto de Deus de ambas as partes; e, sem o *penhor*, o pacto pairaria suspenso no ar.⁸³

78 “D’apporter de nostre costé vne correspondance mutuelle à la vocation de Dieu en perseverant constamment en la foy.” – “Para manter de nossa parte uma correspondência mútua à vocação de Deus, perseverando firmemente na fé.”

79 “Expressement afin de les gagner et attirer a vraye vnite.” – “Expressamente com o propósito de ganhá-los e atraí-los a uma unidade verdadeira.”

80 “Par les deux mots qui sont dits par metaphore et similitude.” – “Por estas três palavras que são empregadas à maneira de metáfora e similitude.”

81 “Ἀρροβίων e o latim *arrhabo* se derivam do hebraico ערבוּן (*gnarabon*) – um penhor ou garantia; isto é, uma parte de qualquer preço acordado e *pago* para ratificar o acordo; em alemão, *Hand-gift*” – Bloomfield. “Tudo indica que a palavra foi transferida, provavelmente, de um termo comercial, do hebraico ou fenício, para os idiomas ocidentais” – Gesenius.

82 “Se Deus, havendo outrora dado este *penhor*, não houvesse também dado o resto da herança, sofreria a perda de seu penhor, como Crisóstomo mui elegante e sonoramente argumenta” – *Anotações*, de Leigh.

83 “Um *selo* era usado para diferentes propósitos: marcar a propriedade de uma pessoa, garantir seus tesouros ou autenticar uma escritura. No *primeiro* sentido, o Espírito distingue os crentes como o povo peculiar de Deus; no *segundo*, ele os guarda como suas jóias preciosas; no *terceiro*, ele confirma ou ratifica o direito deles à salvação... Um *penhor* é uma parte dada como segurança da posse futura de tudo. O Espírito Santo é o penhor da herança celestial, porque começa aquela santidade na alma que será aperfeiçoada no céu e reparte aquelas alegrias que são prelibações de

Aqui devemos observar primeiramente a relação⁸⁴ que Paulo requer entre o evangelho de Deus e a nossa fé. Uma vez que tudo o que Deus diz é absolutamente certo, Paulo deseja que o recebamos em nossa mente com um assentimento firme e resolutivo. Em segundo lugar, devemos observar que, visto que este grau de certeza está além da capacidade da mente humana, é função do Espírito Santo confirmar dentro de nós o que Deus promete em sua Palavra. Essa é a razão por que Ele é chamado de *Unção, Penhor, Revigorador, Selo*. Em terceiro lugar, devemos notar que todos aqueles que não têm o testemunho do Espírito Santo, para que possam dizer *Amém* a Deus, quando Ele os chama para uma esperança segura de salvação, não têm direito algum de serem chamados de cristãos.

23. Eu, porém, por minha alma tomo a Deus por testemunha de que, para vos poupar, me abstive de voltar a Corinto.

24. Não que tenhamos domínio sobre vossa fé, mas somos cooperadores de vossa alegria; porquanto, pela fé, já estais firmados.

23. Ego autem testem invoco Deum in animam meam, quod parcens vobis nondum venerim Corinthum.

24. Non quod dominemur fidei vestrae, sed adiutores sumus⁸⁵ gaudii vestri: fide enim statis.

23. Eu, porém... tomo a Deus por testemunha. Finalmente, agora Paulo começa a explicar por que modificou seus planos. Até aqui ele esteve simplesmente repelindo as falsas alegações de seus inimigos, mas, quando diz que *os poupou*, ele está lançando de volta, implicitamente, a responsabilidade sobre eles e lembrando-os de que seria injusto que estivesse a sofrer por causa de suas faltas, mais injusto ainda se eles permitissem que ele sofresse, e ainda muito mais injusto se eles aceitassem uma alegação tão injustificada e fizessem um inocente sofrer pelos pecados dos culpados – os coríntios. Com a decisão de não voltar, ele os poupou, porque, se tivesse voltado, teria sido forçado a repreendê-los ainda mais severamente; assim, ele escolhe antes deixá-los voltar ao seu

sua bem-aventurança” – *Dick's Theology*, vol. iii. p. 524-525.

84 “La correspondance mutuelle.” – “A correspondência mútua.”

85 “Nous sommes adiuteurs de vostre ioye; ou, nous aidons à.” – “Somos auxiliares de vossa alegria ou ajudamos.”

bom senso, para depois ir, porquanto poderia não haver mais necessidade de um remédio tão drástico.⁸⁶ Essa atitude revela em Paulo mais que uma amabilidade paternal para com os coríntios, pois era um sinal de grande indulgência não aproveitar uma oportunidade como esta para repreendê-los, quando tinha boas razões de estar irado contra eles.

Ele faz isso também na forma de juramento, para deixar bem claro que não inventara nenhuma escusa com o fim de não voltar. Pois a questão envolvia em si certa conseqüência, e era da maior importância que ele estivesse inteiramente livre de toda suspeita de falsidade ou pretensão. Há duas coisas que tornam um juramento legítimo e religioso – a *ocasião* e a *intenção*. Por *ocasião*, quero dizer quando um juramento não é feito levemente, por meras futilidades ou por questões de nenhuma importância, mas tão-somente em conexão com algo realmente importante. Por *intenção*, quero dizer que não se deve tirar vantagens pessoais, senão que tudo deve ser para a glória de Deus e o bem-estar dos irmãos. Devemos ter sempre em mente o fato de que o propósito de um juramento é promover a glória de Deus e socorrer nosso próximo numa causa justa.⁸⁷

Devemos observar ainda a *forma* do juramento. Primeiramente, ele toma a Deus por sua testemunha e, em seguida, agrega a expressão *por minha alma*. Em coisas duvidosas ou obscuras, nas quais o conhecimento ou a percepção humana falham, nos volvemos para Deus, o único que é a verdade e pode testificar da verdade. A expressão “por minha alma” significa “que Deus me castigue se estou mentindo”. Mesmo que não esteja explicitamente expresso, é preciso compreender sempre um fato sério em conexão com um juramento, porque, se formos infiéis, Deus permanece fiel e não negará a si mesmo [2Tm 2.13], de tal sorte que não permitirá que fique impune a profanação de seu Nome.

24. Não que tenhamos domínio. Aqui, ele antecipa uma possível objeção sobre o que talvez lhe seria dito: “O quê! Então, ages de ma-

86 “Remede plus aspre et rigoureux.” – “Um remédio mais drástico e mais rigoroso.”

87 “Moyennant que ce soit en chose iuste et raisonnable.” – “Contanto que seja numa questão justa e racional.”

neira tão tirânica,⁸⁸ a ponto de tua aparência ser tão apavorante? Essa não deve ser a seriedade de um pastor cristão, e sim a crueldade de um tirano feroz”. Paulo refuta esta objeção, primeiro *indiretamente*, ao afirmar que não era assim. Em seguida, *diretamente*, ao alegar que sua disposição paternal para com eles foi o que o levou a tratá-los tão severamente. Quando ele diz que não era o senhor da fé dos coríntios, mostra que um exercício de senhorio de tal envergadura seria injusto e intolerável e que equivaleria a um ato de tirania sobre a igreja. A fé deve ser completamente livre de qualquer escravidão humana.⁸⁹ Observemos bem quem disse isso, pois, se existia algum mortal com o direito de reivindicar tal senhorio, esse homem era Paulo. Portanto, concluímos que a fé não deve ter sobre si nenhum senhor, exceto a Palavra de Deus, a qual não está sujeita ao controle humano.⁹⁰ Erasmo observou que, se agregarmos a partícula grega ἔνεκα, a oração pode ser levada a significar: “Não que exercemos senhorio sobre vós no tocante a vossa

88 “Es-tu si insupportable, et si orgueilleux?” – “Tu és tão insuportável e orgulhoso?”

89 “Il confesse franchement.” – “Ele confessa francamente.”

90 Os pontos de vista aqui expressos por Calvino são severamente criticados pelos romanistas nos seguintes termos, os quais podem ser lidos nas Anotações acrescentadas à versão Rheims do Novo Testamento: “Calvino e seus sectários sediciosos, juntamente com outros que desprezam o domínio, tal como São Judas descreve, querem libertar-se de todo jugo dos magistrados e governantes espirituais: a saber, que, no tocante a sua fé, não se sujeitam a ninguém, nem para o exame e prova de sua doutrina, mas somente a Deus e à sua palavra. E não é de admirar que os malfeitores e rebeldes da igreja não venham ao tribunal, senão ao de Deus, para que assim permaneçam impunes pelo menos durante esta vida. Pois ainda que as Escrituras condenem claramente suas heresias, contudo podem dissimular com falsas glosas, construções, corrupções e negações dos livros canônicos, se não fossem normas ou sentenças judiciais de homens que os governem e os reprimam”. A estas afirmações, o Dr. Fulke, em sua primorosa obra em refutação dos erros do papado (Londres, 1601), p. 559, replica oportunamente nestes termos: “Isto nada mais é do que uma difamação indecente e inconseqüente de Calvino e de todos nós, a saber, que desprezamos o senhorio só porque não nos submetemos à tirania do Anticristo, que quer ser senhor de nossa fé e arroga para si autoridade de formular novos artigos de fé, que não têm base nem autoridade na palavra de Deus. Calvino, porém, de bom grado reconhecia toda a autoridade dos ministros da igreja, a autoridade que a Escritura lhes outorga, e tanto praticava como se submetia à disciplina da igreja e seus governantes legítimos, ainda que não se rendia ao jugo tirânico do papa, que não é soberano da igreja, nem verdadeiro membro da mesma. Sim, Calvino e nós mesmos nos submetemos não só à autoridade da igreja, mas também à punição dos magistrados civis, se formos encontrados a ensinar ou a fazer alguma coisa contrária à doutrina da fé, recebida e aprovada pela igreja, enquanto os clérigos papistas, em causas de religião, não se sujeitam aos governantes temporais, ao juízo e à correção.”

fé”; mas isso tem quase o mesmo significado, porquanto ele diz que o senhorio espiritual não pertence a ninguém, senão a Deus somente. Eis um princípio perenemente estabelecido: que os pastores não exercem nenhum senhorio especial sobre a consciência dos homens,⁹¹ porque são *ministros e cooperadores, e não senhores* [1Pe 5.3].

O que Paulo, pois, confia a si e a outros para que façam? Ele diz que são *cooperadores de vossa alegria* – pelo que, entendo eu, significa *felicidade*. Ele contrasta essa alegria com o terror que é despertado pela crueldade de tiranos e pelos falsos profetas,⁹² que agem como tiranos que “dominam com rigor e pela força”, tal como diz Ezequiel [34.4]. Ele mostra que seu relacionamento com os coríntios tinha sido completamente diferente, porque ele jamais reivindicou qualquer domínio sobre eles, senão que procurou estabelecer com eles a paz, a liberdade e a plena alegria.

Porquanto, pela fé, já estais firmados. Geralmente, deixa-se em silêncio ou explica-se insuficientemente a razão por que Paulo acrescenta isso. Como o vejo, Paulo está ainda argumentando com base nos opostos. Porque, se a natureza ou o resultado da fé é dar-nos tal suporte que nos tornemos capazes de ficar firmes sobre nossos próprios pés,⁹³ é absurdo nos sujeitarmos aos homens. E, assim, ele remove aquele domínio injusto do qual um pouco antes ele declarou não ser culpado.

91 “Que les Pasteurs set Evesques n’ont point de iurisdiction propre sur les consciences.” – “Que os pastores e bispos não exercem nenhuma jurisdição peculiar sobre as consciências.”

92 “Et les faux-apostres aussi.” – “E também falsos apóstolos.”

93 “Afin que nous demeurions fermes.” – “A fim de podermos permanecer seguros.”

Esta obra foi composta em Cheltenham (10,5/14,5-90%) e impressa
por Orgraphic Gráfica e Editora sobre o papel Amabulk 75g/m²,
para Editora Fiel, em dezembro de 2008.